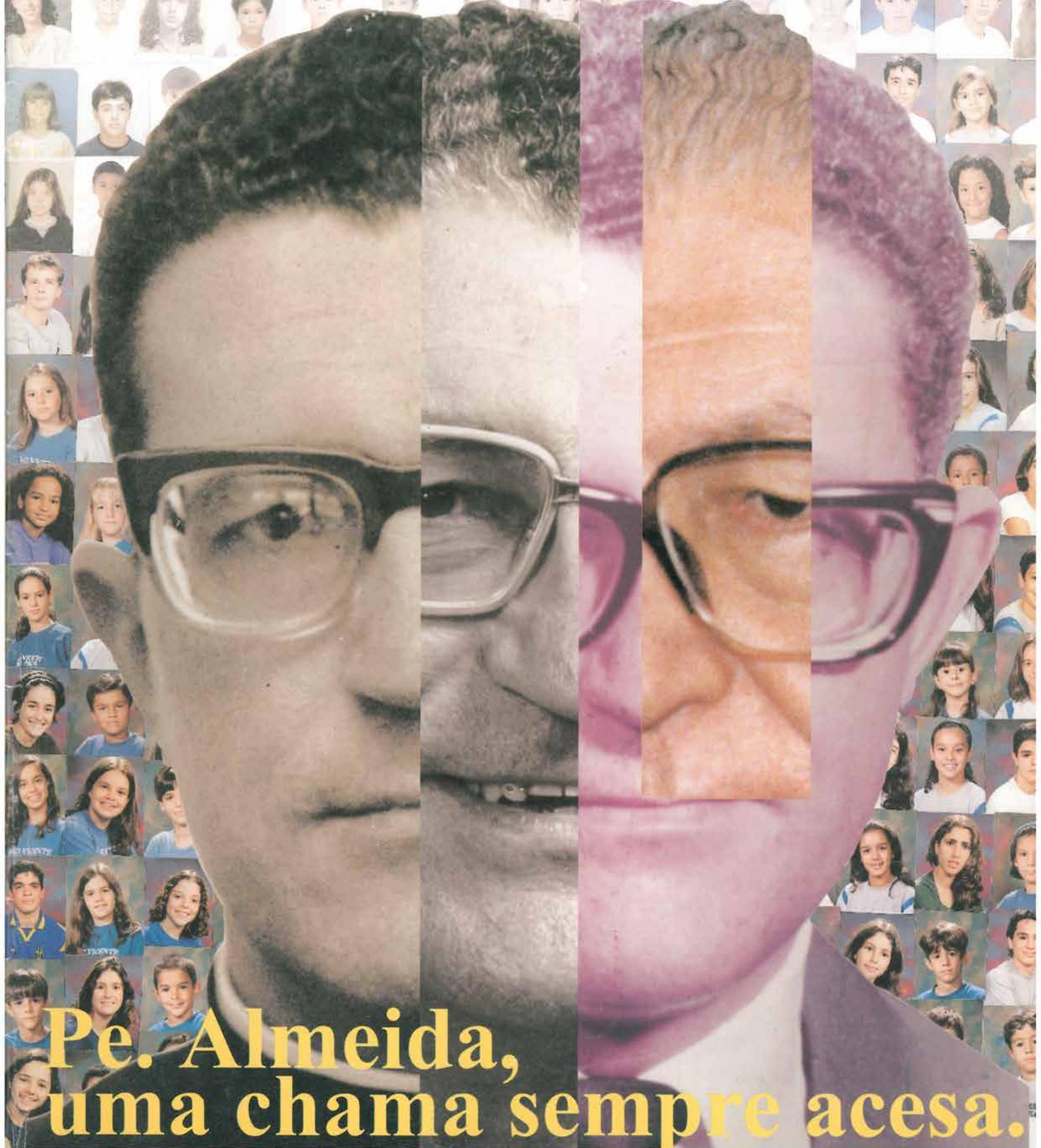
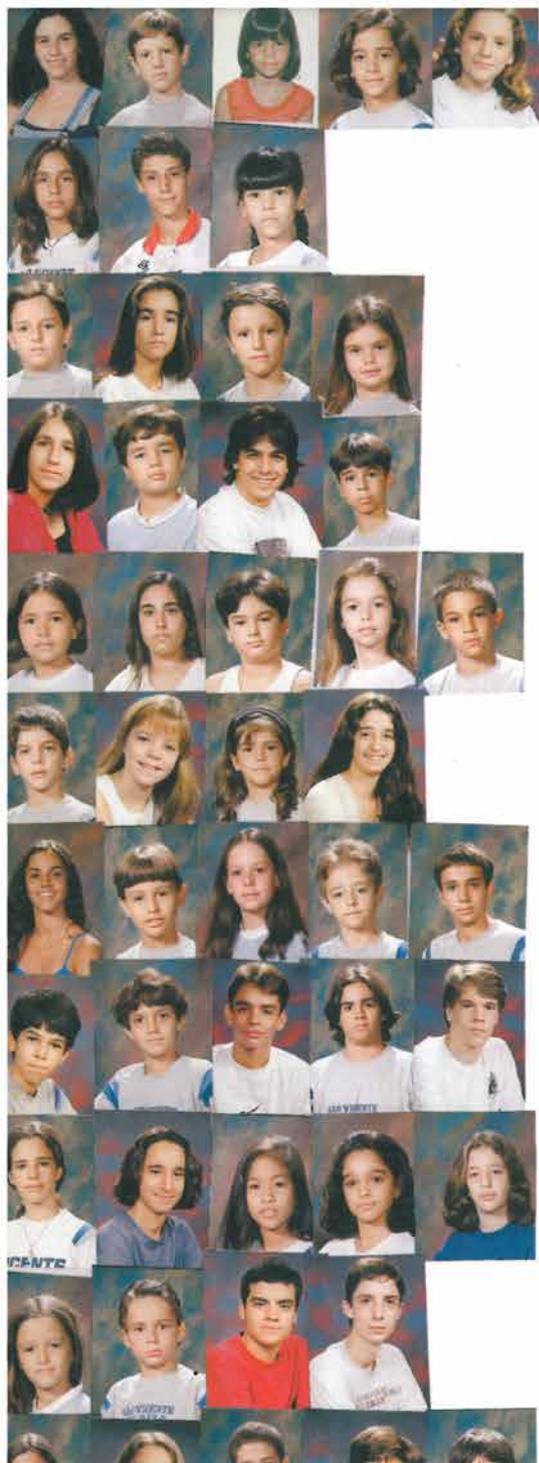


a chama



Pe. Almeida,
uma chama sempre acesa.



S. V. Social



Bate papo
com o novo Diretor



Vendo
Fazendo
e aprendendo



Polêmico
Computador



Passeio
Cultural



Lembranças
de Pe. Almeida



APM
40 Anos



Viajando
com a música



Esporte
na
Escola



EXPEDIENTE

a chama

Ano XXVI – Nº 59 – Novembro / 1999
Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho
CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (021) 556 0796 – e-mail: apmcsvp@iname.com

Supervisão Editorial:

Pe. Lauro Palú e Jorge Faulhaber

Coordenação Editorial: Regina Marteleto

Jornalistas responsáveis:

Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães

Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi

Ilustrações: Danilo Lucas e Iuri Lioi

Fotos: Jorge Faulhaber e Arquivo CSVP

Revisão: Cristina Góes

Editoração: Danielle Pérez

DIRETORIA DA APM

Casal Presidente: Jorge Wood Faulhaber e Maria Cristina B. Faulhaber

Casal Vice-Presidente: Oswaldo Eduardo Lioi e Carla Lioi

Casal Relações Públicas: Clóvis Speroni e Luciana Vasconi

Casal Tesoureiro: Duarte Machado Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente

Casal Secretário: Jésus de Alvarenga Bastos e Regina Maria Marteleto

Casal Representante dos Professores: Paulo Góes e Cristina Góes

O Colégio São Vicente de Paulo, em seus 40 anos de existência, se destacou como uma ilha de excelência no exercício da cidadania, na formação de agentes de transformação social. E se nós, pais e responsáveis por aqueles que aqui estudam, o escolhemos, é porque, no mínimo, concordamos com essa linha de ação social.

Precisamos ser mais do que figurantes passivos deste exercício de cidadania. Não podemos, simplesmente, transferir para a escola toda a responsabilidade pela formação dos nossos filhos.

Temos vivido uma época sem precedentes na história contemporânea. Palavras como globalização, drogas e produção independente passaram a dominar o nosso vocabulário. Palavras de significados tão díspares e que, no entanto, ocupam boa parte dos nossos neurônios com a mesma intensidade.

E, na esteira dos significados, as suas consequências: o desemprego, a violência e a banalização do sexo.

A escola, juntamente com a Associação de Pais e Mestres, tem promovido eventos buscando a participação das famílias na discussão destes temas. Mais do que isso: abriu aos pais a oportunidade de participar da elaboração do Projeto Pedagógico.

As ferramentas estão disponíveis. As oportunidades estão abertas. Não podemos ignorar.

Jorge Eduardo Faulhaber

SUMÁRIO

AÇÕES SOCIAIS

Supletivo resgata cidadania _____	2
Graúna a todo vapor _____	

ENTREVISTA: Pe. Lauro Palú _____	3
---	---

AÇÃO PEDAGÓGICA

Aula prática de vida _____	6
Projeto Pedagógico: Onde estamos? Para onde vamos? _____	8

AGENDA _____	10
---------------------	----

FÓRUM: O computador e o jovem _____	12
--	----

1º GRAU _____	14
----------------------	----

Chás para que te quero _____	14
------------------------------	----

Aprendendo com a cidade _____	14
-------------------------------	----

Caridade, amor afetivo e efetivo: São Vicente de Paulo _____	15
--	----

PERFIL: Pe. Almeida _____	16
----------------------------------	----

Homilia _____	22
---------------	----

40 ANOS: OS PRESENTES DA APM _____	24
---	----

Impondo limites _____	25
-----------------------	----

Os sons da Idade Média _____	26
------------------------------	----

Dores da mudança _____	27
------------------------	----

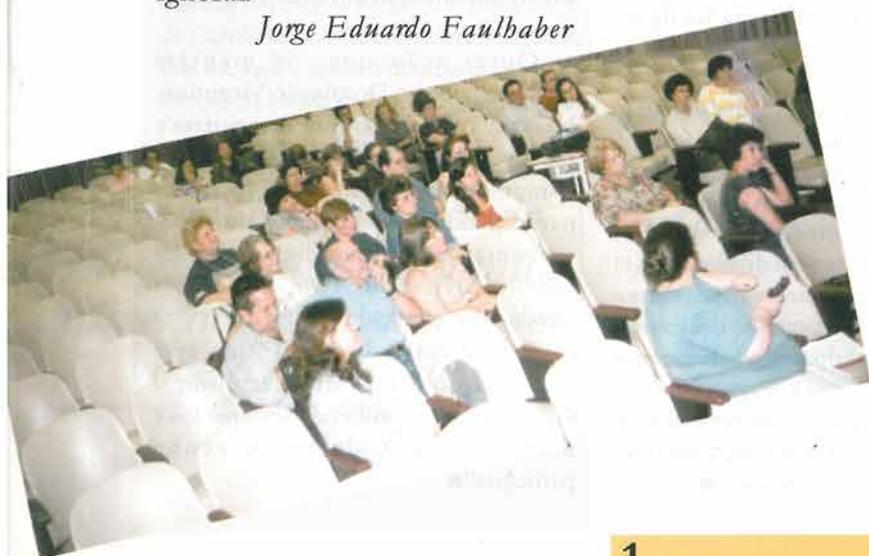
ESPAÇO APM _____	28
-------------------------	----

EX-ALUNOS: Mais um recreio no São Viça _____	29
---	----

OLIMPÍADAS 99 _____	30
----------------------------	----

CARTAS _____	32
---------------------	----

ESPAÇO ABERTO _____	32
----------------------------	----





ALUNOS DO CSVP EM
ACÇÕES BENEFICENTES

Supletivo resgata cidadania

Resgatar a cidadania das pessoas menos favorecidas e conscientizá-las de seu papel de transformadores da sociedade. Esses são os principais objetivos do supletivo do colégio São Vicente de Paulo.

Criado há 26 anos, o curso tem atualmente 335 alunos, com idades variadas, matriculados em dez turmas, que vão do C.A. até a oitava série.

Essas pessoas, em sua maioria, vieram de outros estados, em busca de melhores condições de vida. Por força das circunstâncias, no entanto, foram muitas vezes obrigadas a aceitar um subemprego, mas continuam conscientes de seus direitos e deveres. Os estudantes são trabalhadores e cerca de 48% deles vêm do Nordeste.

Os candidatos às vagas passam por um exame de admissão e precisam provar que estão empregados. Para estudar, os alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental pagam uma mensalidade simbólica de R\$ 23, e os do segundo Segmento, de R\$25.

Nas salas de aula, o clima é de liberdade e respeito; a intenção é criar um ambiente no qual os alunos sintam-se sujeitos de sua própria história, tendo sempre como base a preocupação com os valores humanitários e a dignidade dos indivíduos.■

Graúna Grauninha A todo vapor

O trabalho iniciado em 1993, depois de uma palestra de Betinho sobre a "Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida", não pára e o Comitê Graúna continua firme e atuante. Dividido em três — Grauninha (de 1ª à 4ª séries), Graúna (de 5ª à 8ª séries) e Graunão (Ensino Médio) — o Comitê tem ajudado a diversas creches e instituições contando, para isso, com o apoio de todos que contribuam para manter o estoque de alimentos não perecíveis, material de limpeza e higiene, roupas e brinquedos a serem doados.

As instituições amparadas pelo grupo são visitadas semestralmente, quando é feita uma avaliação e um levantamento de suas maiores carências. Além do apoio material, tão necessário, o Graúna, sempre que possível, faz visitas a essas instituições, levando os alunos do São Vicente a criarem vínculos com as pessoas que eles ajudam e a se sentirem cidadãos participantes do processo social.

No combate ao desemprego, o Graúna, apoiado pela direção do São Vicente e pela APM, fornece o material a ser utilizado pelo Núcleo de Profissionalização em suas oficinas de Corte e Artes Plásticas.

Outra ação que se mantém regularmente é o Domingão Vicentino. Nesse dia, o colégio abre suas portas e recebe crianças e jovens de diversas comunidades carentes. Os visitantes participam de atividades esportivas, recebem atendimento médico e fazem um lanche preparado com donativos arrecadados na escola.

Para a festa de Natal, que será realizada no dia 18 de dezembro, o Graúna já está recolhendo brinquedos e mantimentos. Colabore e venha participar!!■

E AÍ, PADRE LAURO?



PE. LAURO COM O PAPA, EM 27/09/1987, NA MISSA PELOS 250 ANOS DE CANONIZAÇÃO DE SÃO VICENTE DE PAULO

No dia 31 de maio deste ano, o Colégio São Vicente de Paulo ganhou um novo diretor. Filósofo, pedagogo e Teólogo, Pe. Lauro Palú, 60 anos, ocupa a direção do colégio pela segunda vez. Educador, intelectual, religioso. Foi ordenado sacerdote aos 25 anos. Foi eleito duas vezes Assistente Geral da Congregação da Missão, em Roma, além de ter sido nomeado representante, em todo o mundo, da Cúria Geral da Congregação. Por essa mesma Congregação, foi representante no Pontifício Conselho para a Cultura, do Vaticano. Hoje ocupa, pela segunda vez, o cargo de Assistente Eclesiástico Internacional da Associação Internacional de Caridades. Nessa entrevista, Pe. Lauro fala à *Chama* sobre o desafio de voltar à direção da escola e sobre a educação hoje.

“Não morra na porta da Universidade, seria muito triste: nós precisamos de você é lá adiante”

De volta ao São Vicente, diretor tem muito para contar

A Chama: *Entre seu primeiro período de Diretor e agora, o que mudou no São Vicente?*

Pe. Lauro: Mudou tanta gente! Dos que estavam aqui ou que contratei de 1980 a 1986, encontrei 45 professores e coordenadores entre 128 e ainda 17 funcionários de um total de 95. Novos para mim são 159. Cada vez que eu vinha ao Brasil, o Pe. Almeida me apresentava novos professores, a quem já fui aprendendo a estimar. Das ausências, dói sobretudo a dos padres que morreram, Guerra, Domingos e Almeida. A própria Casa também se renovou, dos pátios e quadras ao 5º andar, em geral para melhor. Gostei de ver as novas Coordenações Acadêmicas, embora sinta falta das Coordenações Verticais. Sintó um pouco mais presente o Serviço de Orientação Religiosa. O Colégio conservou coisas muito importantes como o Conselho Pedagógico, a Associação de Pais e Mestres, o núcleo das Voluntárias da Caridade, os Grêmios dos Ensinos Médio e Fundamental e o Mini-Grêmio, com seus jornais, e o teatro. Acrescentou os Corais e aumentou a presença das Artes na formação dos alunos. E que bom haver os Comitês Graúna, para ajudar na formação social dos alunos dos vários segmentos!

A Chama: *Essa renomeação foi uma surpresa agradável?*

Pe. Lauro: Se foi surpresa! Lá no Caraça, eu tinha visto o Pe. Almeida na Semana Santa, sãozinho feito um coco. Hoje, revendo os fatos do primeiro semestre, entendo por que motivo Deus não me deixou ir para Moçambique ou Haiti, como me tinham pedido os missionários de lá. Ainda não víamos nada no horizonte, mas Deus estava me reservando para esta missão e não para aquelas. De fato, vim para cá, sentindo-me mandado para uma missão, para não deixar cair a bandeira, para apanhá-la das mãos do meu irmão que caiu e continuar a erguê-la à frente de toda esta gente.

A Chama: *Já que estamos discutindo e preparando o Projeto Pedagógico, o que se espera que o São Vicente seja amanhã?*

Pe. Lauro: Espero que seja honesto, diga coisas bonitas e dê conta de as pôr em prática. Se sonhamos com formar agentes de transformação social, devemos reconhecer que ainda é sempre um sonho, uma utopia, mas lutaremos para concretizá-la. O São Vicente sempre será o São Vicente se tivermos a coragem de ir mudando sempre. Por isso me propus trabalhar numa pedagogia da esperança, criando com todos um ambiente de otimismo, de esperança e luta, um ambiente de fé. Preciso de muita ajuda para ter a coragem de enfrentar os novos desafios, sempre frequentes e tão grandes.

A Chama: *Qual o papel da Escola na situação atual, em que a tecnologia e os meios de comunicação social estão desencadeando e exigindo uma nova ética, no mundo novo do trabalho e da sociedade globalizada?*

Pe. Lauro: A globalização é o novo nome do imperialismo. Há sempre mais injustiças em todo o mundo. Há perda da identidade nacional, por exemplo com a venda do Brasil no atacado e no varejo, com as peregrinações de tanta gente à Disneylândia, com a música produzida e difundida pelas gravadoras internacionais. Há massacres de índios e de pobres, destruição da biodiversidade e também vergonha de cantar o que é nosso e vem de nossas raízes, ficando nossa gente à mercê das modas e das tecnologias. Chegam a fazer que sintamos vergonha de amar o que é brasileiro. Assim perdemos não só a identidade mas também a independência nacional. Perde-se o gosto da vida.



"Eu teria tido muito gosto em trabalhar com o Pe. Almeida, como em Mariana, em 1966. Mas cheguei depois dele. Fui-lhe leal, em sua vida, e espero continuar leal a ele."

Mas também não há só coisas negativas. Em tudo e em todos estamos tentando descobrir forças de resistências e de crescimento. Para citar só um exemplo, que preocupa os educadores e os pais, se os meios eletrônicos facilitam o trabalho intelectual, também podem estimular o individualismo do *internauta* ou do *surfador* das redes internacionais.

O desafio é saber despertar a capacidade criativa do aluno, que tem tanta fascinação por aprender sozinho no computador. E despertar também a leitura crítica e o discernimento para o uso pessoal do que está nos *files* dos programas. Frente à riqueza inimaginável e crescente dos computadores, a Escola é chamada a criar com o aluno as condições de ser capaz de selecionar e analisar os diversos materiais que encontra.

A Chama: *Vestibular ou cidadania? Conscientização ou mercado de trabalho? São contraditórios? Há saídas alternativas?*

Pe. Lauro: A resposta tem que ser esta: se você quer a Universidade, passe no vestibular e siga adiante para as batalhas da vida. Se não for entrar na Universidade, que já esteja preparado para o que tiver de enfrentar. Não morra na porta da Universidade, seria muito triste: nós precisamos de você é lá adiante.

A Chama: *Além dos livros, o que mais trouxe de Roma e do Caraça para o São Vicente?*

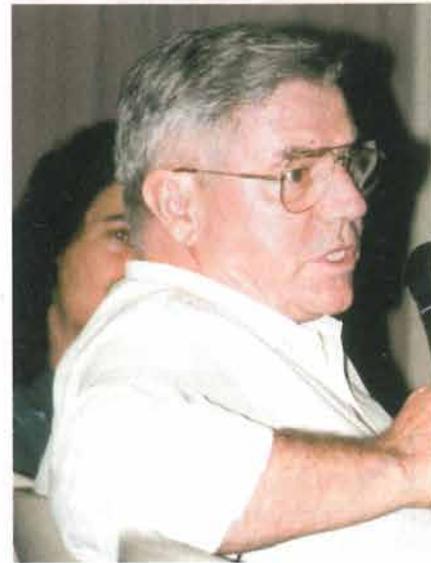
Pe. Lauro: Sem esquecer os discos de música folclórica de muitos países... Não estive sempre na Itália. Às vezes, num ano passava 8 meses fora de Roma, em viagens e missões, em muitos países. Sempre viajei como as crianças, olhando pela janela. Comprei literatura, músicas, mapas, livros de arte, arquitetura e antropologia, teologia e pastoral. E escrevi muito. Visitei países fechados de regime comunista ou em guerra, como Cuba, Vietnã e Moçambique. Trabalhei com grupos adultos e jovens da Família Vicentina, leigos e religiosos. A Juventude Marial Vicentina me pediu muita colaboração e me ensinou demais! Preguei 50 retiros para nossos Padres e Seminaristas e nossas Irmãs da Caridade. Claro que devo ter aprendido alguma coisa...

Ver o mundo e não só o canto onde estava. Sentir-me bem em qualquer lugar do mundo. Entender culturas e opções que não a minha. Ter saudades de nossa música, de nossos poetas, do arroz com feijão e do quiabo... Admirar a juventude e sua saúde mental. Trabalhar com amizade com os adolescentes, confiando neles. Ter uma admiração muito grande por quem persiste em trabalhar na educação. Só não sei se já deu para notar isso no meu modo de agir...

A Chama: *Tendo chegado ao São Vicente num momento de comoção pela morte do Pe. Almeida, como foram seus primeiros meses na escola?*

Pe. Lauro: Peguei o trem andando em alta velocidade... e tive que acelerar meu ritmo para as reuniões com os pais, a apresentação nas 54 salas dos alunos, os encontros com os professores e inspetores, alunos e ex-alunos, e as atividades que enchem nossos dias: Grêmios, teatros, corais, olimpíadas, excursões, missas, batizados, visitas aos doentes, 15 anos das meninas, entrevistas com os alunos, declarações a jomais e televisões.

Só para a elaboração do Projeto Pedagógico, segundo a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, até hoje já fiz 22 reuniões, fora a preparação e a avaliação delas. Alguma carta para os amigos, muito E-mail, meus exames de saúde (um *check-up* regular). Um retiro que fui pregar no Recife e algumas conferências. Não posso me queixar de monotonia nem de ter passado minha vida à toa. Estou muito contente, senti-me bem recebido. Sinto-me reflorescer e me sinto útil. Não creio que sejam só sensações.



"Não posso me queixar de monotonia nem de ter passado minha vida à toa. Estou muito contente, senti-me bem recebido"

Eu teria tido muito gosto em trabalhar com o Pe. Almeida, como em Mariana, em 1966. Mas cheguei depois dele. Fui-lhe leal, em sua vida, e espero continuar leal a ele. Do mesmo modo, espero lealdade e colaboração da parte de quem o ajudava e está aqui para ajudar-me. Os meus primeiros meses aqui foram fáceis, direi mais, foram felizes. Acho até que fiquei mais imaginoso e criativo, mais concentrado e generoso.

A Chama: *Num Colégio como o São Vicente, é importante A CHAMA? Como foi sua participação na Revista ao longo desses anos?*

E AÍ, PADRE LAURO?

Pe. Lauro: É importante, pois conserva a memória da Comunidade Educativa. Neste sentido, realiza o que entendo por tradição: não deve ser um depósito de velharias, mas o conjunto de coisas vivas que recebemos de quem nos precedeu e que entregamos ainda vivo aos que nos seguirão. E ainda mais, porque A CHAMA deve ser provocadora, fazer uma ligação com os pais, os alunos e ex-alunos e todos os agentes de educação que formam o São Vicente. Em meu primeiro período, se não me engano, organizei 16 números, com ajuda de alguns amigos dedicados e de pais muito imaginosos. O que mais gosto de ler na revista são os depoimentos dos alunos, quando são só frases, como na edição de setembro/dezembro de 1984, sobre o Colégio São Vicente, ou na de julho/agosto de 1984, sobre as férias. ■



“Preciso de muita ajuda para ter a coragem de enfrentar os novos desafios, sempre freqüentes e tão grandes.”

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Duas pedrinhas brancas para o Pe. Almeida

Pe. Lauro Palú

Desde maio, no São Vicente e noutros lugares, se falou muito do Padre Almeida, por sua morte inesperada e pela impressão funda que ele deixou na gente. Talvez não acrescente nada, mas quero comentar *duas coisas dele*, pondo duas pedrinhas num mosaico.

Sempre se disse que, com o Pe. Almeida, o Colégio São Vicente foi *uma ilha de liberdade*. Não significa apenas que aqui se podia falar do governo, mesmo nos anos do maior fechamento político, ou que sempre se poderá falar o que se pensa. Para ele, a liberdade tinha um conteúdo concreto e muito sério, que ia além de *se poder falar*.

Por isso, o projeto educativo do São Vicente foi explicitando aspectos que no início não preocupavam os educadores nem eram exigidos pelas famílias. Já antes de 1968, o São Vicente queria fazer *uma educação crítica*, que preparasse a juventude para a vida, e não apenas para os vestibulares. Com a virada que houve no mundo inteiro, por volta de 1968, o São Vicente se esforçou para conseguir *uma educação libertadora*, em que ao espírito crítico se soma um forte sentido social, uma abertura consciente e refletida para o engajamento de cada um na sociedade, para o mundo ser mais humano e mais justo. Depois se falou de *educação para a justiça*, dando uma direção a todos os esforços de formação de consciência, nos pais e alunos, professores e funcionários. Assim, o que se estuda deve servir para organizar melhor o mundo e restabelecer o equilíbrio que falta na sociedade onde uns têm tudo e muito e outros não têm nada ou quase. Por fim, falamos de *educação para a transformação social*, dando a estas palavras o sentido exigente de preparar os alunos e ajudar suas famílias para que todos pensemos nos Pobres, nos que vivem em nossa sociedade, mas discriminados pela cor da pele, pela cultura ou pelo sexo, pela ignorância e pobreza. A gente se educa para a transformação social pelo estudo e pela prática social, pelo engajamento político e pela preparação para atuar na sociedade, no meio de trabalho, na profissão, onde cada um estiver, associação de bairro, sindicato, clube, igreja, bar, ônibus, baile.

(Escrevo isto ouvindo a alegria da criançada que veio de tantas periferias deste Rio maravilhoso para o DOMINGÃO do São Vicente, acolhidos pelos alunos dos Comitês Graúna e Grauninha, por professores e funcionários, pais e mães de alunos que deram aos pobres esta manhã feliz e fraterna, humana e igualitária).

A segunda coisa que eu quero dizer do Pe. Almeida é que ele soube ser o verdadeiro animador de uma equipe enorme de gente que sempre teve gosto de trabalhar com ele. *Quem vai garantir a continuidade do que o Pe. Almeida vinha realizando não será apenas o novo Diretor, mas toda esta equipe afinada de professores, Coordenadores, funcionários, mais os pais e alunos*. Sem a adesão espontânea e constante de toda essa gente, não haveria condições de levar sozinho para a frente todo este sonho e este ideal.

Não adiantaria ficar recordando que antigamente os alunos do São Vicente participaram nas passeatas contra a repressão, fizeram comícios pelas eleições diretas, etc., se hoje os nossos alunos preferissem o cheiro dos bronzeadores ao cheiro de suor dos comícios, o mar azul ao mar que não está para peixe, a pancada no ganzá à pancadaria...

O jornal **Sétimo Tempo** estimule fortemente nos alunos este desejo de dar um pouco do que somos aos que precisam de nós, os Companheiros, os Excluídos e os Pobres.

(Texto publicado no jornal “Sétimo Tempo”, de julho de 1999)



ACÇÃO PEDAGÓGICA

Com o objetivo de lidar com temas como desperdício, preservação de recursos naturais, reciclagem de lixo, desnutrição e miséria de forma interdisciplinar, dei início, juntamente com os professores Marco Antônio (Geografia) e José Eduardo (E. Religioso), ambos da sétima série do Ensino Fundamental, a um projeto, já há algum tempo idealizado, que acabou se transformando numa rica experiência com múltiplas abordagens. Das discussões durante os recreios, surgiram muitas idéias que foram se alastrando e terminaram por envolver outros profissionais da mesma série, como a Margarida (Português), Giselle (Artes) e Bia (Informática), além da Solange (Coordenadora).

O passo seguinte era viabilizar as primeiras etapas do projeto que passou então a ser “carinhosamente” chamado de “visita ao lixão”. Através de textos de diversos autores lidos em sala, divididos em pequenos grupos, nossos alunos tiveram contato com diferentes informações sobre a fome, miséria, reforma agrária, centrais de abastecimento de hortifrutigranjeiros, etc. As informações que mereciam maior destaque eram separadas e anotadas em folhas a parte para futuras consultas.

Agora, faltava o grande momento, a ida ao “Lixão de Caxias”. Durante duas manhãs de Segunda-feira, visitamos o aterro sanitário da COMLURB em Jardim Gramacho, Caxias. Lá, fomos

muito bem recebidos e desfrutamos de uma visita guiada. Além das explicações dadas por um técnico da própria empresa, tivemos oportunidade de ver um filme, fotos, maquete e até uma usina de reciclagem em pleno funcionamento. Depois, fomos pessoalmente avaliar como a questão do lixo era tratada por um grande centro urbano.

Completando esta etapa, ainda nas manhãs de segunda, fomos ao Ceasa de Irajá. Com um auxílio de um funcionário da administração, percorremos vários “boxes” (locais onde os produtos ficam armazenados) de diferentes distribuidores, analisando preços, origem da carga, como era feita a conservação e distribuição de diversos produtos agrícolas (frutas principalmente). Durante nossa passagem pelo Ceasa, contrastes de vários tipos chamavam a atenção dos meninos, que registravam tudo com fotos e anotações. De um lado, a fartura dos imensos estoques de frutas, do outro, transeuntes miseráveis disputando restos em latões de lixo. Desperdício e modemas técnicas de conservação estavam frente a frente, numa espécie de convivência pacífica e latente. O já reconhecido senso crítico do aluno vicentino estava sendo posto em prova mais uma vez.

Voltamos desta riquíssima experiência cheios de novas idéias. Após um curto espaço de tempo, os resultados começaram a aparecer nas matérias envolvidas no “Projeto Lixão”. Uma exposição sobre a fome desenvolvida em

Artes; a montagem de uma campanha publicitária enfocando desperdício, miséria e fome em Português; discussões e dinâmicas em grupo nas aulas de Religião, Geografia e Ciências. Nossa experiência multidisciplinar foi fechada nos laborat[órios] de Informática, onde os alunos produziram cartazes que buscavam a conscientização das pessoas sobre esses problemas.

Contudo, pessoalmente, não me sentia totalmente realizado. Faltava algo nesse trabalho. Foi então que tive a idéia de mostrar como poderíamos, enquanto cidadãos, colaborar de forma mais efetiva na redução destes contrastes registrados pelos alunos. Aproveitando meu envolvimento pessoal num projeto de ajuda humanitária a comunidades carentes no Ceará, trouxe para a sala de aula exemplos de como, na prática, podemos atuar na redução de problemas sociais.

Foi assim, juntamente com duas palestras com outros membros do grupo, que o Projeto Jaguaruana chegou ao São Vicente. ■

José Carlos Campos

- Projeto Jaguaruana - Uma lição de cidadania



O Projeto Jaguaruana é de cunho sócio-educacional, não tem fins lucrativos, conotação religiosa ou político-partidária. Ele foi concebido e colocado em prática por voluntários que, ao assistirem, no Jornal Nacional do dia 22 de fevereiro de 1999, a uma matéria sobre a seca no Nordeste, se sensibilizaram com a situação em que se encontrava grande parte da população local.

“Era uma segunda-feira. Na ‘telinha’, Marcelo Canellas mostra à nação uma legião de brasileiros desamparados, que passa pelas mais diversas privações por conta da seca. ‘É Jaguaruana...’, diz o repórter, ‘... no sertão cearense’. Ao final da reportagem, eu e Regina, minha mulher, chorávamos. Olhamos nossa filha Raíssa, 5 anos, robusta e bem nutrida, com acesso à assistência que todo ser humano deveria receber. Não tínhamos palavras para expressar o que havíamos visto e sentido. Por

volta das 22h, ainda emocionada, Regina disse: ‘Precisamos fazer alguma coisa...’. Pronto! Era o início de tudo.” – explica Ricardo Lisbôa, o idealizador do projeto.

O primeiro pensamento: recolher donativos. O problema: como transportar o que fosse arrecadado sem que nada se perdesse e sem que algum político tirasse partido da situação? Buscaram ajuda na Rede Globo e receberam uma resposta negativa. Desanimados, começaram a falar com outras pessoas, até que, na casa de amigos ouviram que “distribuir cestas básicas não adiantaria em nada e que seria apenas um paliativo. O ideal seria ir até lá para perfurar poços artesanais”.

O apoio necessário à operacionalização do projeto veio da Varig e, no dia 10 de abril, por conta da empresa, viajaram para Jaguaruana, dando início à tarefa de resgatar, pela educação, a dignidade daqueles seres humanos. Foram planejadas atividades ligadas à perfuração de poços, à saúde, à agricultura de subsistência e também atividades que dessem suporte psicológico a essas pessoas.

Abandonando a visão do simples assistencialismo com conotação paternalista e abraçando a crença nas ações transformadoras capazes de gerar vínculos e compromissos entre todos os envolvidos, conseguiram, nos cinco dias que lá permaneceram, dar início ao projeto que hoje é uma realidade.

Ao difundirem ensinamentos sobre a obtenção e tratamento de água para torná-la potável, conceitos básicos de saúde, higiene e agricultura de subsistência, e reforçarem o espírito de cooperação bastante presente nessas comunidades, conseguiram promover uma importante mudança de atitude em alguns de seus membros. Através de ações diretas e indiretas, mostraram às pessoas que é possível depender cada vez menos de auxílio externo. A expectativa é que essas pessoas possam se transformar em multiplicadores, difundindo entre as comunidades carentes vizinhas uma “nova” forma de viver, o que certamente resultará numa considerável melhoria da qualidade de vida para todos.

Já com 13 voluntários, profissionais de diversas áreas, e com a colaboração de outras empresas, dentre elas a Petrobras, uma segunda viagem foi feita em julho. Hoje, no site www.projetojaguaruana.com.br, é possível acompanhar todo o trabalho realizado. Outras informações podem ser obtidas com Ricardo ou Regina, os responsáveis pelo Projeto, no telefone 462 3626.

Como se diz por aí, o problema, todo mundo conhece; qualquer um poderia ter ajudado, mas ninguém tomou a iniciativa. Até que alguém foi lá e fez. E, aos poucos, o sonho do casal de psicólogos de classe média vai contagiando outras pessoas, que também acreditam que nem tudo está perdido.

ABAIXO:
- A PSICÓLOGA REGINA À FRENTE DE UMA DINÂMICA COM CRIANÇAS DA COMUNIDADE DA JUREMA.
- OS JOVENS E ADOLESCENTES DA COMUNIDADE DA JUREMA, APÓS UM DIA DE TRABALHO.





SVP

Projeto

ONDE ESTAMOS

Há dois anos que, sob estímulo e questionamento de Pe. Almeida, vínhamos discutindo e repensando a Filosofia Educacional que orienta nossa prática, à luz de uma nova leitura da realidade do mundo em que nos inserimos. Fomos flagrados pela nova Lei de Ensino que nos convocou a definir nosso Projeto Pedagógico. Colocamos mãos à obra para reafirmarmos nossos ideais e explicitarmos os princípios orientadores de nossa ação pedagógica e os meios para atingi-los.

Já relatamos em número anterior da CHAMA como toda a comunidade educativa tem sido envolvida no repensar nossa Pedagogia, no compartilhar nossas interrogações e em buscar respostas para enfrentar os desafios que nos são colocados.

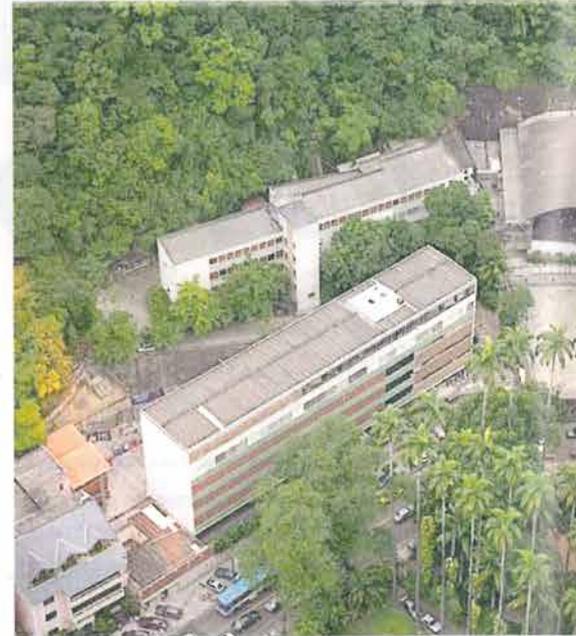
Queremos falar agora do fruto deste trabalho e de como estamos nos preparando para realizar a educação desta primeira década do terceiro Milênio.

Chegamos a um documento que esperamos ser a expressão de nossa identidade, como nos solicitou e instigou a nova legislação.

Um novo contexto

Na primeira parte do documento, ao fazermos um “diagnóstico do nosso tempo”, falamos das forças de crescimento e das forças de resistência, conforme o que percebemos a nossa volta e segundo quatro focos:

- a democratização da informação e da cultura trazida pela televisão e pelo computador, colocando à nossa disposição veículos fantásticos de difusão cultural, de aproximação das pessoas e dos povos e nos exigindo uma vigilância constante, através da leitura crítica, sobre a qualidade dos valores que expressa, das informações que podem ser manipuladas, do comportamento de espectador em que nos podemos colocar;
- a reestruturação do capitalismo, em direção ao neo-liberalismo e à globalização da economia, incentivando a busca da eficiência, da competitividade, das novas tecnologias, da racionalização da produção, reorganizando e dinamizando o mercado de trabalho. Impondo, entretanto, às nações menos desenvolvidas, os critérios do mercado financeiro mundial, ampliando, assim, as multidões de excluídos, gerando violência, delinqüência, miséria;
- a ciência, hoje entendida como busca de construção de modelos que possam explicar a realidade e orientar-nos na conquista de melhores condições de vida, nem sempre tem sido usada em benefício da totalidade das pessoas, mas atendido a interesses de privilegiados. As suas tecnologias, utilizadas sem ética e responsabilidade, tornam-se instrumentos de poder, podendo mesmo causar verdadeiros desastres ecológicos;
- os esforços para a democratização do Brasil, os incentivos à maior participação popular, a liberdade de expressão, a emancipação das diferenças, as exigências de respeito à dignidade humana se embatem ainda com estruturas sociais rígidas, autoritárias, excludentes.



Os anseios

Na segunda parte do documento, apontamos as mudanças que buscamos e delineamos a Escola que queremos.

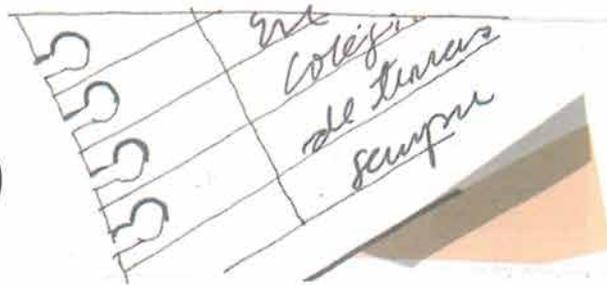
Precisamos:

- valorizar a ética nas relações sociais, como uma exigência da cidadania;
- lutar pelo reconhecimento da dignidade humana, respeito às pessoas nas suas individualidades e nas suas formas próprias de expressão;
- buscar a melhoria das condições de vida para todos: acesso à educação, à saúde, ao meio ambiente saudável, a oportunidades de trabalho e lazer;
- restabelecer o sentido comunitário do trabalho, numa cidadania que transcende a terrestre e se completa no reino de Deus;
- desenvolver a espiritualidade, no sentido de nos entendermos construtores de um projeto universal comum, em busca da paz.

SVP

Pedagógico

PARA ONDE VAMOS



As propostas

Como resposta, pensamos uma Educação que:

- forme AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL;
- faça da Escola uma instância efetiva de assimilação crítica, sistemática, integradora do saber e da cultura geral;
- trate os educandos como sujeitos e desenvolva a consciência da dignidade humana e da auto-estima;
- oriente para a autonomia;
- coloque os meios de comunicação e as tecnologias a serviço de melhores relações entre as pessoas;
- combata a discriminação e o preconceito;
- promova o senso comunitário e seja libertadora, isto é, contribua para tornar a sociedade mais democrática, mais justa e fraterna;
- favoreça o diálogo entre ciência e fé, incentivando o crescimento da fé e do compromisso, de tal modo que haja um desdobramento da fé na ação social e política.

Linhas de ação

Estamos, agora, a caminho da terceira parte do documento, onde estarão declaradas nossas Linhas de Ação Pedagógica, garantindo a realização deste projeto. Alguns pontos que já destacamos:

- priorização de conteúdos que permitam a análise crítica de nossa sociedade, o estudo dos problemas que enfrentamos e dos recursos de que dispomos ou que podemos criar para superá-los;
- utilização de uma metodologia construtivista, dialógica e libertadora, em que o aluno é sujeito e não objeto;
- valorização da informação significativa e de como acessá-la e aplicá-la;
- integração das atividades acadêmicas com as extra-classe;
- leitura crítica das informações, especialmente as que nos chegam, através dos meios de comunicação social;
- realização de um trabalho interdisciplinar e contextualizado;
- ênfase na formação para o trabalho e para a cidadania;
- realização de projetos de ação social na comunidade, na linha do que viveu e ensinou São Vicente;
- busca de parceria constante com a Família;
- valorização das entidades representativas da comunidade educativa, em particular os Grêmios, a Associação de Pais e Mestres e a Associação de ex-Alunos.

O desafio

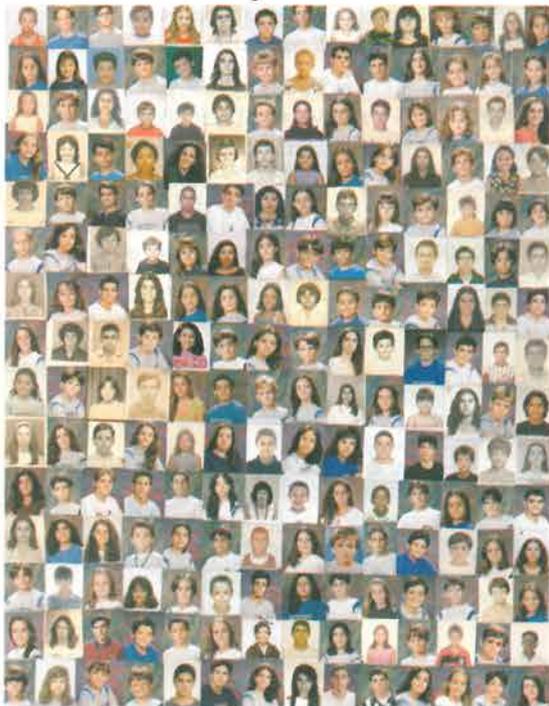
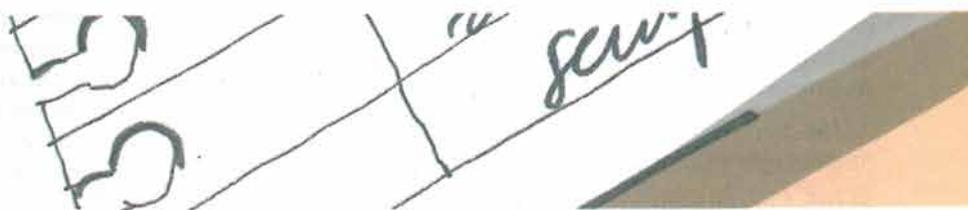
Em vista desta proposta apresenta-se à Escola, como instituição, e aos professores, como grupo profissional, um desafio decisivo: fazer face ao quadro de exigências, apoiados não só em estudos teóricos, mas construindo um saber emergente da prática, integrando reflexão e experiência pedagógica.

Para tal, deverá a Escola:

- estimular a participação, a autonomia, e o trabalho de equipe entre os professores;
- facilitar o relacionamento com a comunidade científica e acadêmica para a troca entre o saber científico e o saber adquirido pela experiência, através de encontros, debates, congressos etc;
- criar espaços de partilha, de reflexão coletiva, que dêem corpo à dinâmica de auto-formação participada;
- estimular as organizações de grupos em associações as mais diversas, que ultrapassem as formas sindicais tradicionais e desenvolvam a consciência do papel político do professor.

Para finalizar, é importante deixar claro que todo o esforço de apoiar nosso Projeto Pedagógico no princípio básico da construção do conhecimento, a partir do aluno-sujeito da aprendizagem, só se completa se as modalidades interativas que se estabelecem forem estimuladas, por parte da Escola, dos Professores e da Família. ■

Nina Maria da Cunha
Coordenadora Acadêmica



Abril

05/04- Para a festa do Colégio, chegaram uma carta muito encorajadora do Superior Geral da Congregação da Missão, Pe. Robert P. Maloney; um artigo do Prof. Moacir de Góes em "O Globo"; uma carta do Prof. Zacarias Jaeger Gama, contando peripécias de seus 20 anos da casa; uma carta do Prof. Marçal Versiani que, em uso da quimioterapia, não pôde vir à festa dos 40 anos.

08/04- Dia escolhido para as celebrações de Páscoa, nos diversos horários de recreio.

12/04- Pais da 1ª série do Ensino Médio vêm falar com a Coordenação sobre o projeto "jovens cientistas", da Fiocruz, para o qual nada menos que 40 alunos se candidataram, coisa nunca vista até então. O ex-aluno Rodrigo Amâncio, que fizera o curso avançado da programação da Fiocruz, apresentou sua tese final.

13/04- Grata surpresa: o ex-aluno Pedro Diegues contou que, num ônibus, viu dois meninos mexendo numa mochila. Quiseram vender-lhe um estojo de lápis, fruto do assalto a um aluno da 6ª série do São Vicente; Pedro pediu-lhes os cadernos, porque fariam muita falta ao Aluno e não teriam utilidade para eles; deram-lhe os cadernos, conservando o resto. Pedro veio entregar o material logo cedo no dia seguinte.

15/04- Reunião de uns 50 Pais, à noite, promovida pela APM, em vista do Projeto Pedagógico. Ótimo clima, com brilhantes intervenções... ultrapassando as expectativas. Votos de continuidade.

17 e 18/04- Reuniram-se no Hotel Maria Cláudia, em São José do Vale do Rio Preto, 80 membros da Comunidade, do Diretor aos Funcionários, para refletir sobre o Projeto Pedagógico. Clima extraordinário, convívio alegre e descontraído e uma eucaristia final, concorrida e participada.

24/04- Feira das Linguagens. Notável programação e execução.

01/05- Chegou bonita edição da revista

Maiο

"A CHAMA" com ótimo e atual conteúdo. Congratulações à Diretoria da APM pelo trabalho de equipe e pelo apoio aos editores Gustavo e Vanja.

05/05- A tarde deste dia foi marcada por uma reunião de Diretores e Alunos, representando umas 15 Escolas, para refletir sobre as novidades da nova Lei de Diretrizes e Base 9394/96. Emocionante espetáculo de aprendizado, todos buscando, no diálogo, crescer em segurança, em vista dos grandes desafios presentes a cada Escola. Vários temas serão estudados progressivamente.

06/05- Na reunião da APM, a Diretoria apresentou sua proposta de trabalho para o biênio. A última palavra que Pe. Almeida escreveu em seu caderno foi "término".

07/05- À tarde, Pe. Almeida foi ao Hospital S.V. de Paulo para exames de rotina. Para surpresa geral, ficou internado no CTI. Dia 8, foi para um quarto, onde recebeu muitas visitas carinhosas.

11/05- Faleceu Pe. Almeida. Aulas suspensas a partir de 11 horas. Velório e grande consternação na Casa e fora dela. Dia 12, trasladou-se o corpo em procissão para o pátio interno, onde dois Bispos e muitos Padres concelebraram a Missa, com umas 700 pessoas. Manifestações de carinho de todas as partes. Sepultamento às 11 horas, no São João Batista. Atividades suspensas à tarde.

13/05- Primeiro Conselho Pedagógico sem o Pe. Almeida. O Provincial, Pe. Eli Chaves dos Santos, estimulou todos a continuar o trabalho no espírito que Pe. Almeida imprimiu à Casa.

17/05- Missas de 7º dia do Pe. Almeida: uma cedo, celebrada pelo Pe. Eli, Visitador, outra à tarde e outra às 20 horas, com o apoio do Coral da Casa. No fim, homenagem emocionada em vídeo.

21/05- Pe. Lauro Palú é escolhido para Diretor do Colégio São Vicente. Chega do Caraça no dia 28. Dia 31, recebe nomeação oficial, por parte do Superior Provincial. Cedo, visita todos os setores do Colégio. À tarde, reunião com as Coordenações para planejar o encontro com os Alunos. Encontra os Professores dos diversos turnos, nos recreios de vários dias.

Junho

01-02/06- Pe. Lauro visita as 54 turmas do Colégio. As do 3º ano, dia 7, depois do "Simulado".

09/06- Paralisação das aulas, decidida pelos Professores. Com a ajuda dos Funcionários e Inspetores, o Colégio pode receber os Alunos que não tinham como ficar em casa, sobretudo à tarde.

10/06- "Reabertura" da Rádio dos Alunos do Grau Médio.

11/06- Três missas no 30º dia da morte do Pe. Almeida.

13/06- Domingão do São Vicente, promoção dos Comitês Graúna e da Coordenação Pastoral com a ajuda de Alunos, Ex-Alunos e Educadores.

19/06- Primeira Feira do Trabalho, com a participação de Alunos, Educadores, Pais, ex-Alunos e Profissionais convidados.

Julho

02 e 03/07- Festas Julinas do Supletivo, dia 2, e do Ensino Fundamental e Médio, dia 3.

05/07- Nesta semana, até 9, provas de seleção para o Supletivo.

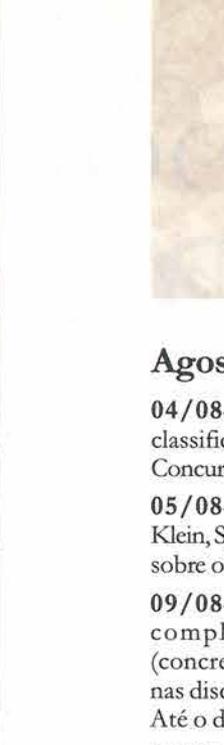
06/07- Teatro infantil, com direção de Lauro Basile. Duas peças: "A história da mulher baixinha que dava corda no relógio da igreja" e, no dia 09: "A bruxinha que era boa".

07/07- De 25 de junho até hoje, houve 9 reuniões de Pais, com apresentação do novo Diretor, proposta dos planos da APM e avaliação do 1º trimestre.

08/07- Conselho Pedagógico para avaliação da Festa Julina e sobretudo do Semestre. Foram dadas a quem colaborou na 1ª fase de sua elaboração as 2 primeiras partes do Projeto Pedagógico.

09 e 10/07- Último dia das aulas para o Ensino Fundamental e Médio.





Agosto

04/08- O Coral Juvenil do Colégio foi classificado para as provas semifinais do II Concurso Nacional Funarte de Canto Coral.

05/08- À noite, o Padre Luiz Fernando Klein, S.J., do Instituto Pedro Arrupe, falou sobre o mundo atual e a missão da Escola.

09/08- Começam as reuniões para completar o Projeto Pedagógico (concretização dos princípios filosóficos nas disciplinas e nas atividades das áreas). Até o dia 14/09, serão 22 reuniões.

14/08- A chuva atrapalhou o Sabadão dos Alunos. As Bandas se saíram bem; a pintura dos muros ficou para outro dia. As bandas escolhidas foram Pé de Moleque, Bigorna e On Less Worry.

18/08- Os Corais do São Vicente fizeram uma homenagem ao Pe. Humberto Venuto, que vai exercer seu ministério sacerdotal em Contagem, Minas Gerais.

23/08- O Prof. José Carlos (Ciências da 7ª série) promoveu uma palestra sobre o “Projeto Jaguaruana – Uma lição de cidadania” (pág. 6). Dia 25, repetiu-se a exposição para o Supletivo.

24/08- De manhã e à tarde, abertura das Olimpíadas, no ginásio coberto.

28/08- À tarde houve a outra parte do Sabadão, a pintura dos muros. Iuri Lioi homenageou o Pe. Almeida. À noite, festa da Associação dos Ex-Alunos, pelos 40 anos do Colégio, realizada na Quinta do Bosque, com mais de 900 Ex-Alunos e Professores. A festa começou às 23h e terminou às 4h da manhã. Pediram que a próxima seja no Colégio, com os espaços abertos e disponíveis para todos, e que se oficialize como data do Encontro o último sábado de agosto.

Setembro

01/09- Pe. Lauro viajou para Recife, para pregar um retiro de 6 dias às Superiores (Visitadoras) das 6 Províncias das Filhas da Caridade do Brasil

08/09- À noite, com o Colégio cheio de flores e mensagens de Alunos, Professores e Pais, Missa concelebrada pelos Padres Lauro Palú, José Paulo Sales Júnior (que fundou o Colégio, quando era Visitador), José Atanásio Coelho, Rafael

Manna, Humberto Venuto e Maurício Paulinelli, pelos 50 anos de Ordenação Sacerdotal do Pe. Almeida.

11/09- Feira do folclore para os Alunos da 1ª à 4ª série, sob a coordenação de Marlene Bluhm.

13/09- Reunião com representantes dos Alunos para a elaboração do projeto pedagógico do São Vicente.

17/09- De manhã, a Dra. Maria de Fátima Goulart Coutinho, pediatra e especialista em adolescência, falou aos Alunos do 1º, 2º e 3º ano e da 8ª série, com um acalorado debate com os jovens, depois de uma curta exposição. As conferências foram promoção da APM pelos 40 anos do Colégio.

20/09- 35 anos de Ordenação Sacerdotal dos Padres Lauro e Venuto.

23/09- Como parte da celebração de São Vicente, a Família Vicentina promoveu um Encontro de Jovens, para uma manhã de oração no Santuário da Medalha, no Matoso, com a participação do CSVP e mais 6 Colégios das Filhas da Caridade do Rio e do Estado do Rio.

24/09- À noite, morreu na Clínica São Vicente, o Prof. Marçal Versiani dos Anjos, que foi o 2º diretor do São Vicente e ainda era professor de História. Licenciado, nos últimos meses, continuava a preparar conferências e palestras para os alunos.

25/09- O Grupo Calabouço, apresentou uma extraordinária síntese da vida e obra de São Vicente: “Caridade, Amor afetivo e efetivo – São Vicente de Paulo”; a peça foi apresentada à Família Vicentina, no quadro da Semana de oração por ocasião da festa de São Vicente.

À tarde, Pe. Lauro, acompanhado de vários Professores e alguns Alunos, oficiou a encomendação e o enterro do Prof. Marçal Versiani dos Anjos.

26/09- Às 10 da manhã, missa concelebrada na Catedral, presidida pelo Sr. Cardeal Dom Eugênio, para a veneração das relíquias de São Vicente, promovida pela Sociedade de São Vicente de Paulo. Além dos Coirmãos, estiveram presentes alguns Professores.

27/09- Festa litúrgica de São Vicente de Paulo. À noite, concelebração, presidida pelo Pe. Lauro acompanhado do Pe. Maurício e de Coirmãos da Casa Central. Depois da missa, coquetel para mais de 300 convidados.

29/09- Apresentação, à noite, do teatro sobre São Vicente para os Alunos do Supletivo.

30/09- Na Assembléia Provincial da PBCM, o Pe. Eli Chaves dos Santos foi reeleito Visitador e Pe. Lauro foi eleito Conselheiro Provincial.

Outubro

01/10- Missa de 7º dia do Prof. Marçal. A Capela da Casa Central esteve cheia de parentes, amigos Alunos, Ex-alunos e Professores.

02/10- Feira dos Estudos Sociais para as 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries. Gincana com tarefas beneficentes (visita a instituições sociais indicadas pelo Comitê Graúna), tarefas surpresas e tarefas competitivas (encenação e dança).

Após o almoço Pe. Lauro viajou para a Espanha, como Conselheiro Eclesiástico Internacional das Voluntárias da AIC.

19, 20 e 21/10- Nos recreios da manhã, da tarde e da noite, homenagem aos Professores pelo seu dia.

20/10- Crisma de 25 Alunos e Alunas do Curso Médio e do Curso de Educação de Jovens e Adultos. A missa foi concelebrada pelo Sr. Bispo Dom Filipo Santoro e pelo Pe. Lauro Palú.

22/10- À tarde, na Casa Central, começou a série de reuniões das Coordenações com a Direção do Colégio, em vista da avaliação de 1999 e a preparação (planejamento) de 2000.

23/10- Feira de Ciências do Ensino Fundamental. O encerramento se deu com a apresentação de um grupo teatral (Luta Pela Vida).

24/10- Domingão Vicentino, organizado pelos Comitês Graunão, Graúna e Grauninha, com participação de vários Pais, Coordenadores, Professores e Alunos. Estiveram presentes uns 150 adolescentes e crianças de várias instituições ajudadas pelos Comitês Graúna. ■

Pe. Lauro Palú



O COMPUTADOR ALIADO OU

Informática, internet, mundo virtual. O que os jovens pensam e como agem diante das transformações tecnológicas que invadiram a vida de todo mundo nos últimos anos? Para responder a essa pergunta, a Chama se reuniu com um grupo de oito jovens, estudantes do Colégio São Vicente, num bate-papo informal. No final, falou-se um pouquinho de tudo. As conclusões não foram muitas, mas que a discussão foi boa, ah, isso foi...

O computador na escola

Pedro Bastos: Algumas escolas dos EUA já incluem Java no currículo.

Pedro Ruiz: Eu não falo em Java, mas ensinar a linguagem do computador é importante. Se é a ferramenta de comunicação do futuro, todo mundo tem que saber.

Pedro Bello: O colégio tem que ensinar mecanismos de busca na Internet, para ajudar nos próprios trabalhos escolares.

Rodrigo: Em Biologia, por exemplo: aquele filme da autópsia de rato que a gente viu seria uma boa no computador. Eu poderia pegar uma cópia para mim, selecionar as partes que me interessassem, etc.

Pedro Ruiz: O computador te dá essa vantagem. Você, antes da prova, vai lá, abre o arquivo, vê de novo. Com a fita isso não seria tão prático.

Rodrigo: O Pedro Bastos me falou de uma escola em Ribeirão Preto, onde os alunos não têm mais carteira, usam monitores de computador. Isso é uma boa.

Pedro Ruiz: É uma boa, mas todo tipo de máquina que faz trabalho por você vicia. Você passa um ano usando calculadora e vai precisar de uma sempre. Você vai passar anos sem escrever, quando for escrever, como é que vai ser?

A autópsia do ratinho já foi feita na própria sala de aula. A experiência via computador substitui a experiência real?

Pedro Ruiz: Não, mas na falta de uma experiência real, a do computador ajuda bastante.

Pedro Bastos: Você acha que piloto de avião aprende como? Ele pega o avião e vai voar?

Pedro Ruiz: Mas o simulador do avião apresenta perfeitas condições. O negócio treme, oferece resistência.. Eu acho que se criarem um cadáver de plástico, com todas as condições do ser humano para você mexer, perfeito. Agora, olhar no computador não vai te ensinar como na prática.

Rodrigo: E para você virar piloto tem que ter não sei quantas horas de vôo na prática.

Thiago: O avião é uma máquina!

Pedro Bastos: O homem também!

Pedro Ruiz: Mas é muito mais complexo. Clicar no ícone do bisturi e mandar cortar uma veia é completamente diferente, cara!!!

Pedro Bastos: Certo. O computador pode auxiliar, mas nunca substituir o professor, por exemplo.

Contra ou a favor?

Pedro Bastos: A discussão era se o computador é aliado ou inimigo. Olha, eu acho que quem disser que é inimigo tem que ir lá para o Pinel.

Pedro Ruiz: Se for usado em excesso pode virar inimigo. É uma ferramenta, pode ser um aliado ou um inimigo, como o caso da calculadora.

Felipe: Até o papel. Toda ferramenta, se mal utilizada, pode virar um inimigo.

Rodrigo: Tudo demais não presta.

E o que é o demais?

José Luiz: Demais é você substituir coisas que têm que ser práticas por computador; seria a substituição completa.

Francisco: Demais é todo mundo querer saber tudo por computador. Eu acho que todo mundo aqui sabe bastante. Mas tem muita gente até da nossa idade que não sabe nada, simplesmente ignora...

Pedro Ruiz: Mas isso é porque não está no currículo.

Amizade na Internet

Pedro Ruiz: Você está restrito a um tipo de comunicação. É muito estranho. Não é em tempo real...

Pedro Bastos: A Internet existe para quebrar barreiras. Eu posso falar com um cara do outro lado do mundo.

Pedro Ruiz: Um fator que ainda não foi levantado aqui é o computador como meio de socialização. Vamos supor que nós nos tranquemos em casa e falemos todo dia pelo ICQ, durante um ano. Imagina a gente se encontrando, o quanto de habilidades sociais vai ter sido perdido. Sem contato, perdem-se experiências sociais que todo mundo precisa.

Rodrigo: É verdade. O ser humano precisa do ser humano.

Pedro Ruiz: Pode melhorar a socialização porque você vai encontrar seus amigos virtuais de longe, etc. Agora, quando chega ao cúmulo de eu falar com o meu vizinho por ICQ...

Pedro Bello: Esse cara perde completamente o contato com o vizinho. Você tem um amigo do outro lado do mundo e não tem amigo aqui...

Pedro Ruiz: É perfeitamente possível usar a internet sem perder o contato pessoal. A gente aqui se fala por ICQ e vai ao shopping no fim de semana! Eu acho que o objetivo não é esquecer as pessoas que estão aqui. Esse é apenas o mau uso da Internet.

Mídia e informação

Felipe: Com a questão da mídia, você perde parte do seu direito de interpretar a informação. Porque, na televisão, a informação já vem digerida como eles querem. É muito mais manipulado.

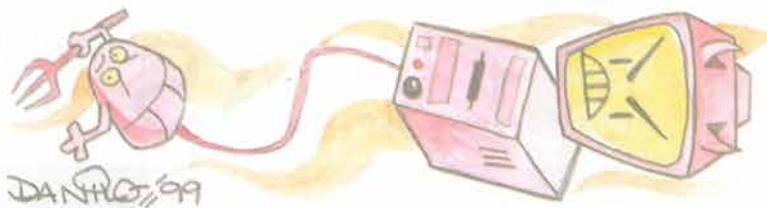
Pedro Ruiz: Essa velocidade fez com que a informação já viesse digerida. E daí começa a manipulação.

Felipe: As outras pessoas pensarem por nós é mais cômodo, mas você perde o seu direito de ser humano.

Thiago: Já na Internet, você pode procurar a informação que quiser.



E O JOVEM INIMIGO?



Pedro Ruiz: Uma vantagem da Internet é que existe a opção de pegar a informação de certo modo já digerida, mas por um grupo que pensa como você. Então, você vai poder aceitar com uma certa confiança aquele método de gestão da notícia.

José Luiz: Você não sabe... Coloca-se o que se quer na Internet também.

Felipe: Mas lá você tem opção. Por exemplo, sobre uma guerra. Na internet, eu posso ver os dois lados.

Pedro Bastos: Mas nós temos que abrir o olho. Hoje em dia, com as multinacionais, são as grandes corporações que vão dominar essa rede. E vão submeter todo mundo ao que elas quiserem. A Microsoft já quer implantar aqui na América do Sul um sistema de censura. Seria terrível.

Felipe: Ela vai fazer isso, mas as pessoas vão buscar outra, que não controle. Aí a Microsoft volta atrás. Isso, por enquanto, você pode fazer.

Pedro Ruiz: Se daqui a pouco a Microsoft lançar um programa novo que, segundo eles, filtra, mas, na verdade, censura, pouca gente vai perceber. Você tem que buscar a informação, porque se ficar esperando, só vai receber o que os outros querem.

Pirataria eletrônica

Pedro Bastos: Isso é sério. Você já imaginou alguém invadir os computadores da Wall Street e apagar tudo? A economia acaba!

Pedro Ruiz: Isso só preocupa agora porque a Internet é a coisa do momento. Alguém sempre vai inventar um jeito de usar qualquer tecnologia de forma errada. E a Internet é a bola da vez. Se fosse o carro, a gente estaria discutindo: "Mas o carro não gera atropelamento? Não polui?"

Felipe: Esses caras que entram em homebanking, por exemplo... Você vai ali na esquina, no caixa eletrônico, e pode ter dois bandidos esperando para te assaltar. Talvez se esteja aumentando a tecnologia do bandido. As pessoas criam um terror, mas não muda tanto assim.

Pedro Bastos: O marginal, na minha opinião, daqui a 30, 40 anos, não vai mais ser o favelado que rouba para comer o pão.

Pedro Ruiz: Você está falando o quê? Que vai ser um ladrão com maior condição?

Pedro Bastos: Não, com maior conhecimento.

A Internet somos nós?

Pedro Bastos: Olha só: todo mundo aqui falou — inclusive eu — "A Internet vai...". Vai não. vamos. Quem é esse

"Certo. O computador pode auxiliar, mas nunca substituir o professor..."

sujeitinho que a gente criou para essa frase? O que é a Internet? Na minha opinião, ninguém pode falar "a Internet vai", porque a rede é feita de milhares de pessoas com experiências e culturas diferentes.

Pedro Ruiz: Certo. A Internet nada mais é do que uma rede de computadores, composta por pessoas. Mas é claro que você pode dizer "a Internet vai". Porque a maioria das pessoas que usa a Internet não modifica o espaço, apenas recebe informações dele. E esse sujeito está vendo a Internet ir, não está indo com ela.

Pedro Bastos: Claro! Tem muita gente que USA a Internet, mas tem muito pouca gente que FAZ a Internet. E a pessoa que, hoje em dia, é apenas usuário final vai ser passada para atrás. Não tenha dúvida disso. ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Felipe Sachan Pedro Bastos Thiago Felício Pedro Ruiz José Luis Faillhaber



Pedro Bello

Rodrigo Coots

Francisco Faillhaber

CHÁS

para que te quero

Um excelente trabalho sobre ervas medicinais marcou a participação das turmas da 3ª série do Ensino Fundamental na Feira do Folclore.

Para mostrar o resultado de suas pesquisas, os alunos organizaram a exposição “Chá cura o planeta”, na qual, de forma muito simpática e participativa, serviram chá e puderam dar as devidas explicações sobre as maravilhas terapêuticas de cada erva.

Para quem não pôde estar presente ao evento, a *Chama* dá uma “colher-de-chá” e apresenta um pouco do trabalho da garotada.

Erva Doce: Originária do Mediterrâneo, a erva-doce veio para o Brasil no período colonial, quando era considerada de grande importância. Atualmente, é muito utilizada na medicina, nos cosméticos e na culinária. Digestiva, ela estimula o apetite e alivia gases e cólicas intestinais — inclusive de bebês. No caso

de inflamação nos olhos, não custa lavá-los com o chá de erva-doce. Além disso, é calmante e ajuda no combate à insônia. Para quem quer ficar mais bonito e manter a juventude, uma dica: a erva-doce combate as rugas e as espinhas. (turma 31)

Erva Cidreira: O uso da Melissa remonta há mais de dois mil anos. Da Grécia, onde era chamada de “erva do mel de abelha”, foi se alastrando pela Europa devido a seus poderes medicinais. Na Inglaterra do século XVII, a crença era de que a erva garantia a longevidade e atraía o amor desejado. (turma 32)

Camomila: Camomila é um nome comum a várias espécies de ervas aromáticas da família das Compostas. A *Matricaria chamomilla*, ou camomila-dos-alemães, veio da Europa para ser cultivada no Paraná. De lá, foi para São Paulo, onde nasce espontaneamente. Seu chá é muito empregado como calmante e digestivo. A camomila-romana, por sua vez, era

considerada um febrífugo eficaz. Atualmente, fornece óleo aromático utilizado em perfumaria, na indústria de cosméticos e na fabricação de licores. A camomila-fétida tem os mesmos usos das outras, mas, como o nome mesmo já diz, é malcheirosa. Dela se faz um pó inseticida. (turma 33)

Eucalipto: O eucalipto veio da Austrália. Das suas folhas se extrai o eucaliptol — essência utilizada na fabricação de medicamentos, cosméticos e materiais de limpeza — e um óleo muito usado na indústria em geral. Suas flores possuem substâncias melíferas, o que significa que têm grande valor para a criação de abelhas (apicultura). Além disso, como cresce muito rápido, o Eucalipto pode ser plantado para fornecer madeira para a construção naval e civil e celulose para a fabricação de papel, evitando, dessa forma, o desmatamento indiscriminado de outras espécies. (turma 34). ■



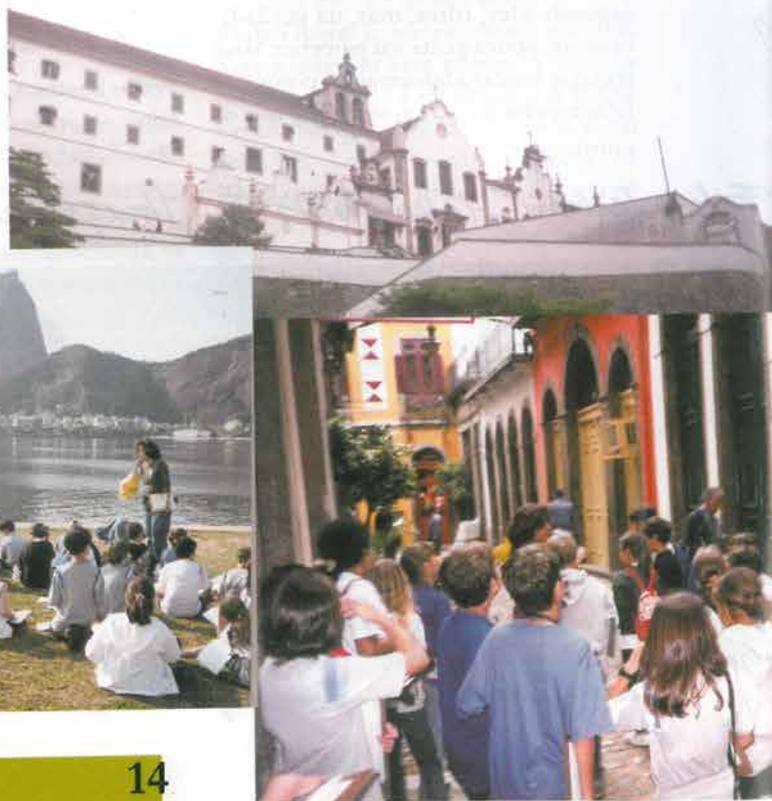
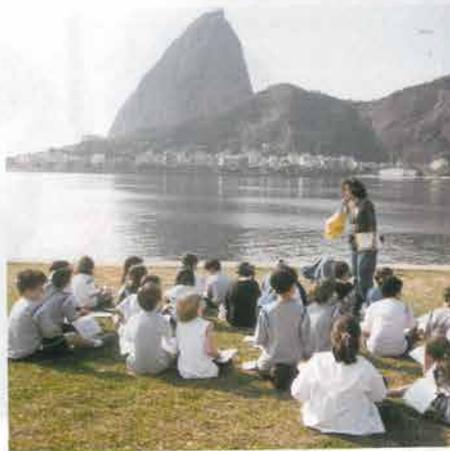
Aprendendo com a Cidade

No mês de setembro, dando continuidade ao projeto realizado na área de História e Geografia do Rio de Janeiro, foi realizado um passeio-aula com toda a equipe da 3ª série.

“Caminhos do Rio” — título que abre o Caderno de Atividades — foi trabalhado durante o passeio, seguindo os roteiros: “A origem da cidade do Rio de Janeiro” e “As antigas lagoas do centro”.

A atividade contou com o apoio e a orientação de Renata de Faria Pereira, autora de outros projetos nessa área e do livro “Rio-Rio”, e foi muito enriquecedora para todos que dela participaram. ■

Colaborou a prof. Neuza Bastos



CARIDADE, amor afetivo e efetivo



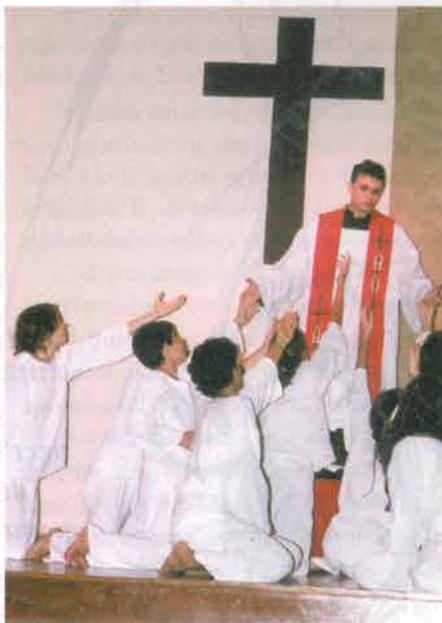
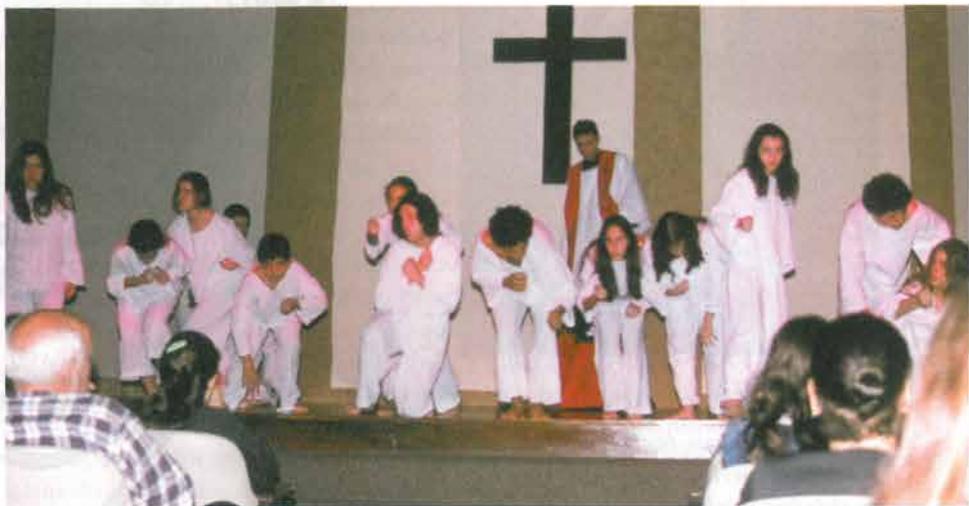
São Vicente de Paulo

A expectativa era grande, pois a apresentação do grupo Calabouço já é uma tradição no colégio, e o resultado pôde ser avaliado pelos aplausos ao final da peça.

O texto, do diretor Almir Teles e de Rodrigo Cherulli, foi montado a partir da leitura de várias obras sobre São Vicente e conta fatos marcantes de sua vida. “A importância da idéia de nosso espetáculo, eu tenho certeza que é maior do que ele mesmo”, diz o professor Almir, que completa: “A peça fala do essencial para o desenvolvimento do homem e, conseqüentemente, de um povo, de um país.”

Segundo ele: “Seria talvez a forma mais eficiente de as pessoas se ligarem na ‘eternidade’ do homem, que é a sua alma, e deixarem um pouco de lado tudo aquilo que vai contra a solidariedade, o altruísmo e o amor ao próximo. Em nome de São Vicente, o espetáculo tenta propor a todos que dêem mais atenção à sua vida e à sua evolução espiritual. Que cultivemos a idéia de que todos nós formamos um todo, um só corpo místico. Do mais miserável ao que se acha mais bem aquinhoado, somos um só e temos que evoluir juntos. São Vicente mostra o caminho: a simplicidade, a caridade e a atenção às instituições divinas”.

Em um país onde, segundo dados da revista *Veja* de setembro deste ano, 40% das crianças até 14 anos vivem em condições miseráveis, Almir destaca: “O que mais me apaixona na idéia ‘São Vicente de Paulo’ é a clareza de sua premência, cada vez mais gritante”. É importante destacar ainda que, este ano, o trabalho do grupo Calabouço foi dedicado à memória do Pe. Almeida e à de D. Helder Câmara, dois personagens que certamente conseguiram viver plenamente o exemplo de São Vicente. ■



Teatro e educação

A importância do Teatro na cultura de um país, é uma idéia já tão bem sedimentada que nem é necessário abordar. O que ainda se faz oportuno é dizer o peso que o teatro tem, quando se faz presente num estabelecimento escolar. Para isso, seria necessária uma entrevista com os alunos que fazem e com os que vêem teatro na escola; eu, por mim, enquanto professor desta matéria há mais de 20 anos, nas escolas do Rio por onde passei, registrei com muito prazer as benesses advindas desta experiência. Não só no campo profissional específico, do teatro e da

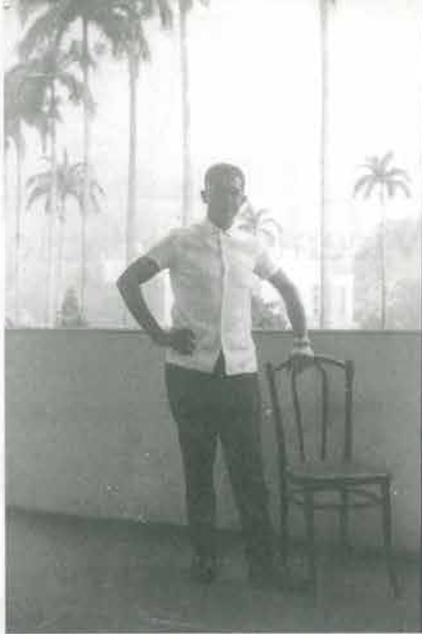
televisão e da música, que eu, como professor, tive a grata satisfação de encaminhá-los, mas como na formação integral, ajudando-os, consideravelmente, na forma mais lúcida de olharem para si mesmos e para o mundo. O teatro é um campo onde o cerne é o próprio homem. Daí sua magnificência no campo do aprendizado humano.

Muitos colégios, hoje em dia, adotam, por opção, esta matéria — por saberem e comprovarem sua eficiência. Mas é importante que se diga que o São Vicente foi um dos primeiros a pensar em contratar profissionais da área para orientar seus alunos nesta matéria.

Em 1975 fui chamado para dar aulas de teatro e fui logo tratando de criar os grupos que até hoje montam espetáculos: o “Calabouço”, do segundo grau, e o “Faz Escuro, mas Eu canto”, do primeiro grau. Nomes que ainda hoje fazem sentido num país como o nosso, mas que, naquela época de ditadura, eram ainda mais significativos.

Eu poderia listar os homens e mulheres de teatro e cinema que passaram por aqui, iniciaram suas brilhantes carreiras e reconhecem sempre isso em suas entrevistas, mas não vou. Prefiro ratificar a importância desta matéria, esperando que sirva de exemplo para os colégios que insistem em não ver a quase imprescindibilidade do cultivo das artes entre seus alunos. ■

Almir Teles



Sábio, justo, prestativo, íntegro, coerente, inteligente, carinhoso, honesto, disponível, sincero, humilde, fiel, bom. Suas qualidades são inumeráveis. Os defeitos? Poucos conseguem apontar algum. Certamente, pequenas limitações inerentes à sua condição humana: talvez um pouco teimoso e ciumento. É consenso que suas maiores imperfeições eram, na verdade, qualidades em excesso: uma sinceridade marcante e uma confiança tão cega nas pessoas que chegava ao limite da ingenuidade.

Nascido em Senhora do Porto, Minas Gerais, em 26 de dezembro de 1923, José Pires de Almeida ou, simplesmente, Pe. Almeida, fez história em todos os lugares por onde passou. "Um educador com motivações religiosas e um religioso empolgado com a educação", define Pe. Eli. Acima de tudo, um homem: filho, irmão, amigo, cidadão. O homem, o religioso e o educador: como é difícil separar essas facetas... No fim da vida, como diz Pe. Maurício, ele já era uma síntese dessas três figuras.



Hoje, domingo (dia...
dele, no Consulado, visitei o
Car. Mosto e as ruínas de
Punram. Se isso for a
vida! Até lá! Pe. Almeida
Plutarcamente o 22.06.92
Pe. Isidoro Dantas Gusmão



EU.

"Tenho consciência das minhas limitações... Dos meus erros e dos meus pecados peço a compreensão e o perdão de Deus a quem ofereço a pequenez dos meus serviços e a simplicidade da minha história e da minha vida..."

Pe. Almeida



26.050 - NOVA IGUA
BRAZIL

O homem...



Cinco e quarenta e sete da manhã. Com o toque do despertador, começava o dia, sem hora para terminar. A primeira atividade, leitura do breviário, por causa da preocupação constante com a saúde, era feita em longas caminhadas pelo corredor da Casa dos Padres. Um homem de hábitos regulares, às sete horas já estava no pátio, pronto para receber os alunos que chegavam à escola, rotina que só era interrompida por ocasião de viagens. E como Pe. Almeida gostava de viajar!

A trabalho ou por lazer, poucas coisas lhe davam mais satisfação do que a condição de turista. Organizar grupos e planejar excursões era sempre um grande prazer. Com o boné na cabeça, muita disposição e uma enorme bagagem de informações, era o companheiro inesquecível, o guia perfeito, o cicerone ideal.

As idas ao Caraça, com grupos do colégio, renderam boas histórias. “Geralmente,” — conta a professora Abigail Barbosa — “o grupo do São Vicente ficava em um alojamento isolado e exclusivo.

Mas naquela vez, um dos quartos estava ocupado por um casal desconhecido e mal-humorado que não gostava nada da bagunça que fazíamos de madrugada. Uma noite, Pe. Almeida nos avisou: *‘Se vocês não forem dormir cedo, amanhã*

às cinco da manhã vou acordar todo mundo! Promessa feita, promessa cumprida. Na hora exata e sem lembrar do tal casal, ele foi de janela em janela, com um rádio que, no volume mais alto, tocava Vicente Celestino. Foi a gota d’água. Irritados com o ‘mau exemplo’ do diretor da escola, os pombinhos fizeram um escândalo, arrumaram as malas e foram embora”.

Durante as viagens, outro hábito se acentuava: escrever aos amigos. A letra quase ilegível trazia, em cartas ou cartões, as descobertas e reflexões do viajante. Da Terra Santa, em 1992, ele escreveu: “Agora já tenho os olhos, a cabeça e o coração cheios de imagens maravilhosas que lhes transmitirei, querendo Deus, na medida do possível”. E foi na Grécia, como lembra D. Léa Rocha Lima, diretora do Colégio Miraflores, que Pe. Almeida, um cantor nato, fez seu vozeirão ecoar nas ruínas do Teatro de Arena, para deleite do grupo e dos demais turistas que paravam para ouvi-lo.

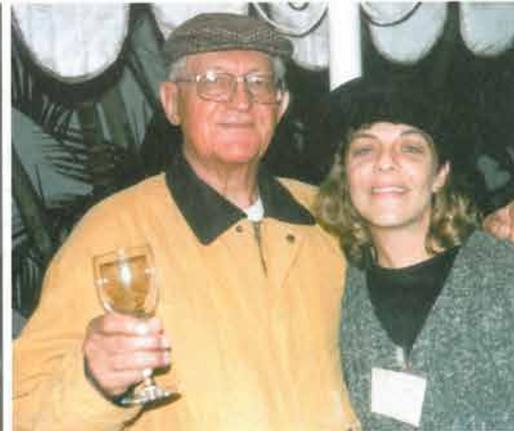
Pessoa de grande cultura, falava quatro idiomas — além do latim e do português. Apaixonado por música clássica, era ouvinte assíduo da rádio MEC e foi sócio-fundador da SOARMEC (Sociedade dos Amigos da Rádio MEC).

Se tinha um gosto refinado para a música, à mesa, como um típico mineiro, preferia a simplicidade de um bom tutu de feijão. Mas é claro que uma bacalhoadada era tão bem-vinda quanto um cálice de vinho do porto antes e um vinho tinto durante as refeições. E, de sobremesa, frutas para manter a forma. Palavra de D. Maria Emília, cozinheira do colégio desde antes da inauguração.

Cultivar amigos era uma das especialidades desse que foi, antes de tudo, um pai, ou o “paizão”, como o chamava Irmã Niva Gomes. Em certa ocasião, quando Rosana Mota, professora do São Vicente, passava por um problema pessoal, ele assumiu um compromisso: “A partir de hoje, eu vou ser seu pai” — promessa que, certamente, ajudou a selar aquela que seria uma de suas maiores amizades.

E foi exatamente a ausência dos amigos que causou os momentos de maior tristeza à figura sempre bem-humorada e brincalhona do Pe. Almeida. A morte de Tereza, uma de suas três irmãs, e de alguns companheiros de jornada, como o Pe. Guerra e o Pe. Domingos, o abateram profundamente. Num desabafo, chegou a dizer à Anamaria Prado, mãe de um ex-aluno: “Ana, estou ficando sozinho”.

Mas eram tristezas passageiras. “A vivência de uma religiosidade plena não deixava que os fatos o entristecessem muito”, constata Antônio Fucci, da Equipe de Nossa Senhora. Talvez por isso nada tenha apagado do seu rosto o sorriso largo e, da lembrança de todos, a imagem de uma pessoa alegre e bonachona.





O educador...

Numa festa do São Vicente, a filha de uma funcionária comentou admirada: “É a primeira vez que eu vejo uma escola em que todos os alunos gostam do diretor. Na minha, ninguém gosta”. Levou muito pouco tempo para a menina perceber algo que, no colégio, parecia tão natural. Mas isso não era por acaso. Como diz Mônica Machado, presidente do Grêmio do 2º grau: “Nelson Rodrigues que me perdoe, mas nem toda unanimidade é burra. E o Pe. Almeida era uma unanimidade”.

Para os alunos do colégio, o ano letivo não começava enquanto a figura serena do diretor não entrava nas salas para conversar.

As imagens do Pe. Almeida e da escola que ele ajudou a construir são indissociáveis. Há 40 anos, Pe. Horta não teria conseguido erguer o Colégio São Vicente sem o apoio do amigo, que vinha de Petrópolis três vezes por semana auxiliá-lo. Mas a inauguração do colégio foi apenas o começo de uma obra na qual ele teve papel fundamental, durante os 32 anos que aqui permaneceu, sendo 26 como diretor.

O educador que não tinha compromisso com o sucesso, mas com a qualidade, dizia sempre que quem quer educar tem que ter a paciência de esperar. “O São Vicente é o lugar onde se pode errar porque o erro é entendido como parte do processo”, define Artur, coordenador da escola.

Antenado com tudo que acontecia no mundo, estava sempre preocupado com

a situação política, social e econômica — especialmente com a pobreza e a miséria. E foi essa preocupação que imprimiu no São Vicente a marca do compromisso social.

No auge da ditadura militar, período em que todos os diretórios acadêmicos estavam fechando, a escola inaugurava o seu Grêmio Estudantil. E, enquanto a imprensa sofria com a censura, dentro do São Vicente, era garantida aos alunos total liberdade de expressão. Mas o desafio era maior. A Teologia da Libertação trazia novas propostas educacionais. A despeito de tantas adversidades, Pe. Almeida abraçou essa filosofia que vinha, nas suas palavras: “libertar a Educação de tantos condicionamentos que faziam do relacionamento ‘mestre X discípulo’ mal disfarçada relação ‘sujeito X objeto’; da Escola, uma detenção; da Disciplina, uma opressão e, da educação, uma repetição de modelos sociais” (A Chama, março/1980).

Mas aquele que dedicou sua vida à educação e que não cansava de repetir que a sala de aula é um local sagrado não escapou de, como diretor do colégio, passar pela que foi, certamente, uma de suas maiores decepções. Todos concordam que a agressão física sofrida por parte de um aluno o deixou muito deprimido e desgostoso. “Eu era um antes; sou um depois, e não sei se esse depois vai durar muito”, desabafou ao coordenador da Pastoral e amigo Sérgio Maia.



Um segredo bem guardado

Pouca gente sabia, mas Pe. Almeida não tinha o dedão de um dos pés.

Esse fato, que o transformava em alvo de diversas piadas, era encarado por ele com extremo bom humor, como se pode ver no fragmento de uma correspondência enviada à Rosana Mota. Não é mesmo qualquer um que “comemora” o aniversário da perda de um dedão.

As brincadeiras eram muitas...

No seminário, na hora das refeições, a rotina era sempre a mesma: os alunos deixavam talheres cair no chão e a barulheira era grande. Um dia, Pe. Almeida resolveu dar uma dica aos seminaristas: “Gente, quando o talher cair, é só botar o pé embaixo para evitar o barulho...”

Alguém não resistiu e veio logo a piadinha: “Ah! Agora sabemos porque o senhor não tem o dedão...”

E a gargalhada foi geral...

E na praia, quando alguém perguntava onde ele estava, a resposta dos amigos gozadores era certa:

“Basta seguir as pegadas de um pé com apenas quatro dedos”...

Ros - 20.06.89

55º aniversário do desastre de canoe de bois por me ty por ser meu dedão





Aos 75 anos, o dono de uma agenda sempre cheia, pelo fato de não saber dizer “não”, acabava cochilando em todas as reuniões, mas nunca perdia o fio da meada. Dormia, acordava e continuava a discussão como se nada tivesse acontecido. Essas e outras histórias entraram para o folclore do São Vicente e são contadas, com saudade, quando o assunto é Pe. Almeida.

A letra ilegível, por exemplo, causou muita confusão. Na primeira semana como secretário do diretor, William encontrou um bilhete: “Ligar para a Arquidiocese para saber se o ‘Armário de 1991’ já está pronto...”. Ignorando totalmente o assunto, não discutiu e cumpriu a tarefa. Quando o padre chegou, William transmitiu o recado: “Eu liguei pra Arquidiocese e eles disseram que lá não tem armário nenhum”. A reação do chefe não podia ser diferente: uma sonora gargalhada e a explicação: “Não é ‘Armário’, é o ‘Anuário de 1991’”.

Piadista e brincalhão, adorava dar apelidos a tudo. O subsolo virou “quintos”, em referência aos quintos dos infernos e o laboratório de eletrônica, Chernobyl. De forma descontraída, arranjava sempre um jeitinho de comentar sobre as coisas que o incomodavam, fosse a roupa curta de professoras e funcionárias, fossem os erros de português daqueles que o cercavam.

Liberal por convicção, rigoroso por necessidade e, sobretudo, coerente, Pe. Almeida sabia usar sua autoridade sem jamais ser autoritário. Talvez isso explique por que ele era unanimidade.

... O religioso

Para ele, era sagrado. Todos as manhãs, às 11h45min, ainda que não tivesse ninguém para assistir, lá estava Pe. Almeida, na capela do colégio, celebrando sua missa diária.

Sempre disponível, era muito solicitado por todos que precisavam de um padre. Não importava a hora nem o lugar. Batizados, casamentos, missas, bodas, unção dos enfermos. Na agenda elástica do Pe. Almeida sempre cabia mais um.

Sua caminhada como religioso começou no Seminário Menor em Irati. Em 1942, foi para Petrópolis, onde fez o Noviciado, sendo ordenado sacerdote em 8 de setembro de 1949.

Ao longo da vida sacerdotal, Pe. Almeida estudou Filosofia e Teologia no Seminário São Vicente de Paulo, trabalhou na formação do clero nos seminários de Mariana, Fortaleza e Petrópolis, foi diretor das “Filhas da Caridade” de Belo Horizonte e Superior Provincial da Província Brasileira da Congregação da Missão, além de ter exercido a função de Assistente Geral da Congregação da Missão, em Roma. Mas, no fim da vida, o seu grande sonho era assumir uma paróquia numa cidade pequena, onde pudesse se dedicar em tempo integral à função de pastor.

Evangelizador nato, suas missas eram verdadeiras “aulas”. No sermão, por trás do padre, estava o comunicador, que, com palavras simples mas cheias de fé, conseguia, com extrema maestria, trazer a Palavra de Deus para o dia-a-dia das pessoas. Pe. Almeida acreditava piamente no que pregava. Era um seguidor incondicional das doutrinas da Igreja. Mas isso não o impedia de ter uma visão crítica da religião. Na verdade, sua vivência como homem e educador mostrava que, na prática, muitas coisas tinham que ser flexibilizadas.

Dentre os seus compromissos religiosos estava o de orientador espiritual da Equipe de Nossa Senhora da Visitação, função que desempenhou com zelo e entusiasmo durante 28 anos, desde que o grupo foi fundado por ele e sete casais.

E se ele fazia das obrigações um prazer, muitas vezes transformava o prazer em compromisso. A hora do recreio dos padres (intervalo depois do almoço), por exemplo, é uma tradição que esse mineiro contador de “causos” fazia questão de preservar. Sempre brincando para descontrair o ambiente, ajudou a manter aceso o espírito de comunidade entre os padres residentes.

Foram muitos anos de dedicação a Deus, à Igreja e aos homens. Um longo caminho, percorrido com humildade e coroado de glórias. Este ano, Pe. Almeida estaria completando 50 anos de sacerdócio. Mas essa já é uma outra história.



AMIGOS

Padre Almeida, um patrimônio nosso

(A notícia foi muito forte naquela manhã)

A Saudade...

“Eu só peço a Deus: que seja merecedor; que, quando chegar minha vez, seja rápido”. E assim foi feito...

Para a surpresa de todos, o homem incansável e de boa saúde foi surpreendido por um infarto do miocárdio. No dia 11 de maio de 1999, morria Pe. Almeida. Deixou muitos “órfãos”, mas tudo aconteceu da forma como ele sempre desejou: morreu rápida e dignamente, em pleno gozo das suas capacidades mentais.

Nos poucos dias que estive no hospital, não perdi a alegria. Brincalhão, dizia que a nutricionista era tão bonita que, se pudesse, levaria um dia inteiro para escolher o cardápio. E, ao sujar a roupa de sopa, lembrou dos seus tempos de criança; das broncas e tapas que levava da mãe sempre que, antes da missa, manchava a blusa de comida. Ele não perdeu a chance: “Ah, se a D. Zenaide estivesse aqui...”

E se o Pe. Almeida estivesse aqui? Seguramente, ainda estaria comemorando a data pela qual tanto esperou. Sem o aniversariante, a missa do Jubileu de Ouro, no dia 8 de setembro deste ano, teve um clima de nostalgia. Da celebração, ele não pôde participar. Mas para quem vinha festejando diariamente esses 50 anos, com um entusiasmo contagiante, a morte não foi o fim. Como disse ao amigo Sérgio Maia: “Se não celebrarmos, não fique triste, porque eu não estarei”.

Realmente, tristeza é uma palavra que não pode ser associada a um homem que viveu, em plenitude, todos os papéis que lhe foram dados. E para a felicidade que ele demonstrava nos últimos tempos, Pe. Maurício tem uma boa explicação: “Pe. Almeida estava virando anjo, criando asinhas”. Asas de um viajante que, dessa vez, voou para um pouquinho mais longe e deixou uma saudade danada... ■

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

A notícia foi muito forte! Naquela manhã do dia 11/05/99 — terça-feira. Parecia que tudo estava igual naquela manhã. Muitos nem desconfiavam que Padre Almeida estava no hospital há três dias. Era só para exames!

A notícia foi muito forte naquela manhã! Padre Almeida morreu!!!

A fonte era o próprio hospital São Vicente de Paulo das Irmãs Vicentinas. Mas nenhuma fonte era digna de fé!

Havia um consenso já algum tempo, na consciência coletiva da comunidade do Colégio São Vicente, que o Padre Almeida era assim: um PATRIMÔNIO eterno! Nosso! PATRIMÔNIOS eternos... não morrem.

Aos poucos as coisas foram se concretizando! Dura realidade! Padre Maurício nos pede ajuda neste momento de dor! Como comunicar à comunidade? Eu não tinha comunicado nem a mim mesmo!

Mas... tudo foi acontecendo! Chega o corpo do Padre Almeida na capela da Casa Central. Missa o dia todo e à noite, preparação para as missas de corpo presente... enterro...

Acho que, como muitos, voltei do cemitério São João Batista ainda me perguntando: o Padre Almeida morreu? Por que o ritmo da vida foi interrompido tão drasticamente naquela manhã... tão dolorosamente!?

Pois é, como ele mesmo dizia... este colégio tem a minha cara... Naquela manhã o colégio perdeu a sua fisionomia.

Fomos aos poucos caindo na realidade... mostrando nossos afetos a ele... mostrando o afeto dos alunos e de muitas pessoas pelo Brasil afora, em murais na entrada do colégio... E rezamos muito por ele!

Frente à morte, o ser humano reage de forma muito diferente. Será que não estamos cultuando demasiadamente a sua memória? Diziam uns... Logo, logo ele será esquecido... ou... Estamos fazendo muito pouco pelo que ele foi para o nosso colégio, falavam outros.

Aqueles a quem as comunidades elegem como PATRIMÔNIOS causam mesmo essas polêmicas... afetivas.

O importante em tudo isso foi o reconhecimento unânime de que ele era uma figura muito querida por todos da comunidade São Vicentina.

Cada um ao seu modo fez o melhor para homenageá-lo.

Que o Padre Almeida viva sempre entre nós!

Sérgio Maia

Senhor,

Tu nos deste a alegria de termos tido Padre Almeida entre nós.

Tu permitiste que durante anos a fio ele orientasse não só os educandos, mas também os mestres.

Tu fizeste com que ele se tornasse a viga mestra desta casa.

E agora, Senhor, te rogamos...

Pela sustentação dessa viga por todos esses corações vicentinos cheios de saudade. Por todos os mestres e funcionários que ainda buscam e procuram a presença do Padre Almeida.

Por todos os alunos que sofridos se lamentam e se angustiam.

Que este colégio, desde a casa dos padres até as salas de aula, encontre a paz e a tranquilidade para a continuação de seus trabalhos.

Que seus companheiros de Congregação, em especial os padres da Casa Central, tenham força e coragem para prosseguir.

Abençoe, Senhor, os diretores, coordenadores, professores, funcionários e alunos que terão a árdua tarefa de manter o nosso colégio como uma eterna “ilha de liberdade”.

E que um dia, Senhor, Padre Almeida possa, lá de cima, apreciar seu lindo jardim e ter certeza de que cultivamos o que ele semeou.

Rosana Perez



HOMENAGEIAM



Mensagem

Perdão, Almeida.

Devíamos estar sorrindo,
pois sabemos que encontraste a paz
tão merecida.

Perdão, Almeida,
por esse choro de dor, de órfãos.

Perdão Almeida
pela pequenez de nossa fé
mentes nem tanto esclarecidas
e com pouca expansão de consciência.

Se pudéssemos imaginar
quão linda foi tua passagem;
se pudéssemos assistir
à descida dos anjos para buscar-te;
se pudéssemos ouvir os clarins
e trombetas
que tocaram para homenagear-te;
se pudéssemos sentir
o vento suave que anunciou tua partida;
se pudéssemos ver
o clarão de luz
que se abriu no teu caminho;
se pudéssemos ler na faixa do céu:
"DEVER CUMPRIDO"
não estaríamos chorando.

Mas todo esse sentimento
faz parte do carinho e da admiração
que sentimos por ti;
faz parte dessa imensa saudade
que já nos envolve.
Egoísmo? Talvez.
Apego? Quem sabe!?!
Provavelmente falta de
entendimento ou aceitação.
Portanto, amigo, em nome do Senhor
que recebeu: Almeida, perdão!

Abgail Barbosa



IA CONGRESSO NACIONAL de ESTABELECIMENTOS
PARTICULARES de ENSINO - Ctba 9 a 15-1-66.



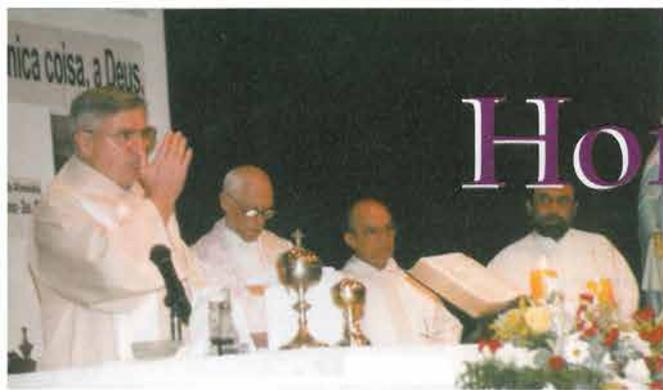
Lembrar... Falar... Sentir...

Defino o Pe. Almeida como o teimoso mais meigo que conheci, a pessoa que usava a lentidão para apressar o nosso agir, o diretor que cobrava delegando poderes e funções, o animador que gostava de cochilar nas reuniões mas não perdia o fio nem o objetivo. Lembro do seu sorriso largo cheio de fé e confiança. Sinto o brilho daquele olhar que agradecia o "dom da vida" a cada instante. Falo de um *Dom Quixote* dando murros nos moinhos de vento, em busca da compreensão da sua crença pedagógica — educação libertadora — como ele gostava de se definir. No amor podemos conviver com as perdas e superar a tristeza de ter tantos e tão queridos nas moradas do Nosso Pai, mas me dou o direito de aqui agradecer os anos de estímulo, confiança e amizade, puxões de orelha e amor que se materializam na Nossa Senhora de Fátima, presente de um dia das mães, que fica na minha cabeceira para me lembrar que o dom da vida e alegria de vivê-la é o maior presente que recebo todos os dias, como me ensinou o querido Pe. Almeida.

AnaMaria Prada

Agradecimentos

Aos padres: Lauro, Maurício, Eli, Horta;
aos professores e funcionários: Rosana Mota, Abgail Barbosa, Joca, William, Artur, Rosana Perez, Solange Borba, Patrícia Rubim, Norma Goes, José Trajano, Maria Emília; aos alunos: Mônica Machado, Pedro Sá Freire e Kadu van Hombeeck; aos amigos Antônio Fucci (ENS), D. Léia (Miraflores), Irmã Niva (AEC), Rodrigo Rocha (ex-aluno) e Anamaria Prado (mãe de ex-aluno); e, em especial, a Sérgio Maia e Vânia (Pastoral), o agradecimento da CHAMA pela ajuda nesta homenagem a Pe. Almeida.



Homilia para os 50

Pe. José Pires d

1. *Minha primeira palavra é uma homenagem ao Sacerdócio do Pe. Almeida, com um texto que um amigo me enviou pelo Dia do Sacerdote, no início de agosto passado:*

“Um padre deve ser, ao mesmo tempo, pequeno e grande, de espírito nobre, como de sangue real, simples e espontâneo como um colono, um herói no domínio de si, um homem que lutou com Deus, uma fonte de santificação, um pecador que Deus perdoou, senhor de seus desejos, um servidor humilde para os tímidos e fracos, que não se rebaixa diante dos poderosos, mas se curva diante dos pobres, discípulo de seu senhor, chefe de seu rebanho, um mendigo de mãos largamente abertas, um portador de inumeráveis dons, um homem no campo de batalha, uma mãe para confortar os doentes, com a sabedoria da idade e a confiança de um menino, voltado para o alto, os pés na terra, feito para a alegria, experimentado no sofrimento, longe de toda inveja, que vê longe, que fala com franqueza, um inimigo da preguiça, sempre fiel, tão diferente de mim!”

2. O Pe. Almeida assinaria esse texto, com a sua humildade que tanto nos impressiona, já que nos disse, na comemoração dos seus 75 anos:

“Eu tenho consciência das minhas limitações, dos meus erros e dos meus pecados. Peço a compreensão de vocês e o perdão de Deus, a quem ofereço a pequenez dos meus serviços e a simplicidade de minha história e da minha vida”.

3. Estes dias li um poema de Mário Quintana para seu Pai. Cito-o aqui, como homenagem ao Pe. Almeida de quem eu disse, no 30º dia de sua morte, que foi meu mestre, meu modelo, meu amigo e meu protetor. Protetor eu o invoquei já ao lado de seu corpo, dia 11 de maio, mal cheguei de Minas. Pois eu gostaria que o Pe. Almeida me ouvisse recitar este poema como homenagem a ele:

As Mãos de meu Pai

Mário Quintana

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
- como são belas as tuas mãos
pelo muito que lidaram, acariciaram ou fremiram
da nobre cólera dos justos...
Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa
beleza que se chama simplesmente vida.
E, ao entardecer, quando elas repousam nos
braços de tua cadeira predileta, uma luz
parece vir de dentro delas...
Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente
vieste alimentando na terrível solidão do
mundo, como quem junta uns gravetos e
tenta acendê-los contra o vento?
Ah! como os fizeste arder, fulgir, com o milagre
das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos
nodosas...
essa chama da vida – que transcende a própria
vida
... e que os Anjos um dia chamarão de alma.
(*Esconderijo do Tempo* - Porto Alegre, L&PM, 1980, p. 127).

4. Pe. Almeida foi ordenado padre há 50 anos. Foi consagrado **Profeta, Pastor e Sacerdote** do povo santo de Deus.

4.1. **Profeta**, em sua vida, em seu ensino, em sua pregação, no acolhimento de quem o procurou, no discernimento dos sinais dos tempos, cumpriu com desassombro e força as três missões do profeta: **denunciou, anunciou e fez ações transformadoras**.

Denunciou um governo ditatorial, mas não denunciou as vítimas desse governo, a quem acolheu nesta casa. Lembro-me agora de Dom Hélder Câmara: “Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. E quando pergunto por que eles não têm comida, me chamam de comunista” (dos jornais, no dia de sua morte). E me lembro também de Monsenhor Oscar Romero, Arcebispo assassinado de San Salvador: “A justiça é como as cobras: só morde os descalços” (citado por Eduardo Galeano. *De Pernas pro Ar, a Escola do Mundo ao Averso*. Porto Alegre, L&PM, 1999, p. 71). Denunciou a desumanização da vida, denunciava até os mais simples condicionamentos com que uma pessoa perde sua liberdade. Como educador o vimos denunciar a televisão como babá eletrônica, a música alienante estrangeirada, sem alma e sem mais deuses que o tilintar do dinheiro da comercialização e do imediatismo. Denunciou a falta de amor que destrói uma família e nos divide.

anos de sacerdócio

e Almeida, C.M.

Anunciou o mundo novo que podemos criar com a educação. Conheceu a Viola Enluarada de Marcos e Paulo Sérgio Vale: A mão que toca um violão também pode empunhar a espada, o mesmo pé que dança um samba, se preciso, vai à luta, capoeira. Mas o Pe. Almeida terá dito como meu Pai: A mão que pode matar também pode tocar um violão, o mesmo pé que vai à guerra também pode dançar um samba, que nisso da grande utopia meu Pai e o Pe. Almeida entendiam bem. Estes dias li outras coisas que o Pe. Almeida também teria anunciado; por exemplo, que um dia a televisão deixará de ser o membro mais importante da família, que quando ela fala todos têm que calar a boca, e será tratado como o ferro de passar roupa e a máquina de lavar roupa; que os economistas não chamarão nível de vida ao nível de consumo nem qualidade de vida à quantidade de coisas; que os cozinheiros não acreditarão que as lagostas gostam de ser fervidas vivas; os historiadores não acreditarão [nem farão crer] que os países gostam de ser invadidos; os políticos não acreditarão que os pobres gostam de comer promessas; ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão; os meninos de rua não serão tratados como lixo, porque não haverá meninos de rua; a educação não será um privilégio de quem possa pagá-la; a polícia não será o terror de quem não possa comprá-la... (Galeano, op. cit., pp. 342-344).

Pe. Almeida **desencadeou ações transformadoras**: quando levou este Colégio da educação crítica à educação libertadora; quando nos levou todos a querer que os Alunos fossem sujeitos de seu aprendizado e não objetos de nosso ensino; quando soube interrogar-se e questionar toda a comunidade educativa: libertar de quê? libertar para quê? Quando levou adiante o nosso propósito de formar agentes de transformação social, sabendo suscitar ações e reações, como quando fez surgir ao lado dos Grêmios os Comitês Graúna, quando estimulou os Pais a passarem de usuários a participantes na tarefa mais que todas extraordinária; quando estimulou os Professores a passarem a Educadores e a Formadores, quando estimulou os Funcionários a passarem a Educadores e a Formadores. Duas ações que suscitaram reações e um crescimento sadio: contratar alguns ex-Coirmãos para que continuassem a nos ajudar como Educadores; quando confiou várias coordenações a mulheres, mais por mulheres que por extraordinárias, porque educadoras e não por demagogia.

4.2. **Pastor**: um pastor o seu rebanho leva a pastar, guia-o, dá-lhe de beber, o defende e o cuida, especialmente quando feridos ou perdidos os animais. Um Pastor como foi o Pe. Almeida em seu Sacerdócio, anima os grupos e cada um de um grupo, vai às periferias e aos setores, conhece todos, chama todos por seu nome (e não por seu apelido...), lidera e não tem medo de apoiar as lideranças dos outros, forma multiplicadores. Quando os

Grêmios do São Vicente fizeram história, como formação de lideranças políticas num período de ditadura, Pe. Almeida soube libertar-se dessa história e abriu o São Vicente aos Comitês Graúna, os nossos Alunos pensando nos pobres e os fracos. Fora do Colégio, quando foi também Visitador da Província Brasileira da Congregação das Missões, soube pôr nas mais variadas obras os Coirmãos mais idosos, contrariando o medo e as prevenções, e dizia que desejava valorizar os Coirmãos mais velhos e suas qualidades ainda intactas e levar aos nossos jovens o valor do testemunho desses trabalhadores que encaneceram na fidelidade mais generosa e simples. Como Visitador e com esse cuidado dos idosos, completou o Pe. Almeida o círculo de sua obra: crianças e idosos, meninos e suas famílias, em Colégios, Seminários, Missões, Paróquias.

4.3. **Sacerdote**: homem da fé, da vivência da fé, da proclamação da Palavra, da formação da Comunidade cristã, da celebração da fé e da vida, Pe. Almeida foi um homem de oração, especialmente depois de sua experiência em Roma; batizou centenas de crianças neste Colégio que os Pobres se acostumaram a procurar, além das famílias dos nossos Alunos; celebrou com alegria as missas de cada dia, com as crianças que chegam antes ou saem depois para ir rezar na capelinha e são nossa reserva moral, nossa esperança; celebrou para haver uma presença diária da Eucaristia entre estas paredes e estes sonhos do São Vicente: e quanta festa de quinze anos, e quanto enterro e quantas missas de falecidos que uniram o Pe. Almeida ao carinho do coração das famílias; na pregação, era simples e queria que o sentisse cada um ao seu lado, falando como um amigo, não de cima, como um doutor; das famílias que santificou, já disse, no Colégio, mas houve também dezenas de anos de reuniões das equipes de Nossa Senhora, sabe lá Deus até que horas da noite (e depois se admiravam de que o Pe. Almeida pudesse cochilar nalguma que outra reunião de dia...). Ainda tenho que falar das comunidades carentes que Pe. Almeida assistiu, da sua participação animada nas reuniões das Províncias da América Latina e do apoio realmente concreto que deu à Família Vicentina como um todo, Padres e Irmãos da Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Voluntárias da Caridade, Conferências de São Vicente, Religiosos de São Vicente, Religiosas de São Vicente de Gysegen, Juventude Marial Vicentina.

5. Vou concluir, mas não vou acabar, pois não há como dizer em poucos minutos esses 50 anos. E digo duas coisas. Primeira: Quantas dessas coisas eu não sei fazer, quantas não sou capaz de fazer. Segunda: Estas coisas ele fazia e estamos aqui para dizer que queremos continuar a fazer estas coisas depois dele e com a bênção da proteção e do exemplo dele.

E isto é muito mais do que saudade. ■

Pe. Lauro Palú

ARTE E INFORMAÇÃO

Os presentes da APM / 40 Anos

MARIA TEREZA MALDONADO

Como participar das comemorações pelos 40 anos do Colégio São Vicente? A pergunta estava feita.

Para a APM, cuja função é promover a integração das famílias, professores e escola, a resposta só podia ser uma: organizar eventos que fossem de interesse geral.

A escolha dos temas baseou-se em pedidos feitos pelos pais e, a partir daí, foram planejadas palestras e debates sobre sexualidade precoce, com a psicóloga Maria Tereza Maldonado, e sobre a adolescência, com a médica Maria de Fátima Goulart Coutinho.

Para completar a programação, um evento cultural que reuniu, de forma brilhante, um dos corais do São Vicente e o Conjunto de Música Antiga da Universidade Federal Fluminense.

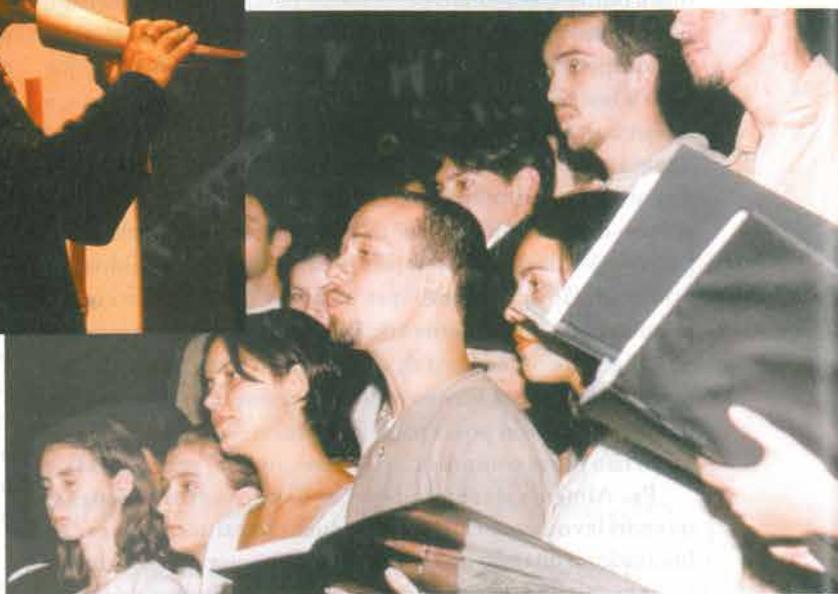
A experiência, apesar do pequeno número de pais que compareceram às palestras, foi considerada bastante positiva pelo presidente da APM, Jorge Faulhaber. Segundo ele, aqueles que estiveram presentes puderam debater, perguntar e, dessa forma, contribuir ativamente para a melhor compreensão de problemas comuns a todos.

A idéia da APM é continuar a promover encontros que sirvam para ampliar o conhecimento de todos sobre temas atuais que, de alguma forma, afetem a formação das crianças e dos jovens.

Participe! Faça sugestões! A APM espera sua colaboração.



CORAL JUVENIL DO SÃO VICENTE



GRUPO DE MÚSICA ANTIGA DA UFF



MARIA DE FÁTIMA GOULART COUTINHO

IMPONDO LIMITES

Qual a fronteira entre a orientação e a permissividade? Com exemplos e situações diferentes, essa pergunta parecia resumir a preocupação de todos os pais que foram ao Colégio São Vicente na noite do dia 9 de setembro. O evento, ao qual compareceram cerca de 50 pessoas, era a palestra “As famílias e suas diferentes organizações”, da psicóloga Maria Tereza Maldonado. Apesar de o tema principal ser o das relações familiares, o grande interesse dos pais era quanto ao problema da erotização precoce, o que se pôde perceber claramente na hora da discussão final.

As questões eram muitas, todas girando em torno de uma mesma dúvida: onde termina a liberdade e começa a falta de limites?

Maria Tereza, que tem 20 livros publicados sobre diversos temas, apresentou, ao longo da palestra, um guia de possíveis problemas e suas soluções nos diversos tipos de família existentes na atualidade. Ela trabalhou com quatro organizações familiares básicas: a dos pais casados, a dos pais separados, aquelas com filhos adotivos e as de novos casamentos.

Apesar das especificidades, algumas observações foram gerais, como, por exemplo, a ação da família na prevenção à violência e a importância da figura paterna. Segundo a psicóloga, o papel de provedor que normalmente se atribui ao pai, muitas vezes abafa a função de educador — disciplinar e, principalmente, amoroso — que ele deve exercer.

O ponto forte do encontro, no entanto, foi o debate, no final da palestra. Pais e professores falaram de suas

dificuldades em lidar com o comportamento das crianças e dos adolescentes.

Patrícia Rubim, psicóloga do colégio, atribui parte dessa dificuldade ao fato de que, preparados para lidar com crianças cujo modelo era a Emília, a personagem contestadora de Monteiro Lobato, hoje estamos diante de crianças cujos modelos são a Xuxa, a Tiazinha e a Adriane Galisteu.

As questões mais recorrentes foram com relação ao ambiente de erotização que se cria em torno das crianças e dos jovens. “Minha filha, de três anos, coloca a mão no joelho e diz: ‘É a Tiazinha, mamãe. É feio?’ Eu não sei o que responder”, desabafou uma mãe. “Minha filha tem 11 anos e quer assistir MTV Erótika. Eu sento e vejo com ela. Mas todo mundo me condena. Não sei se estou agindo certo”, perguntou outra.

Para Maria Tereza, o que existe em comum entre essas situações é a necessidade de se discutir o que é e o que não é próprio para uma determinada faixa etária. “É preciso fazer a criança entender que a Tiazinha tem 20 anos e ela, apenas três. Ou que, com 11 anos, é muito mais apropriado assistir a um clip do que ao MTV Erótika”, respondeu. E completou: “É muito importante incentivar os filhos à descoberta de outros prazeres que não estejam ligados ao sexo ou ao erotismo. Mesmo porque, antes de começar a pensar em vida sexual, o jovem



deve passar pela alfabetização amorosa.”

Entre perguntas e respostas, muita preocupação com a distância entre teoria e prática, o que só tornou a discussão ainda mais acalorada. Isso, claro, sem contar as muitas dúvidas, velhas e novas, que, certamente, os pais levaram de volta para casa. ■

“Antes de começar a pensar em vida sexual, o jovem deve passar pela alfabetização amorosa.”

Dicas para aumentar a auto-estima dos filhos

- Ter um olhar de apreciação mais intenso do que o olhar de crítica;
- Estimular a autonomia e a capacidade de fazer escolhas;
- Estimular o pensamento reflexivo que conduz ao autoconhecimento;
- Dizer o que não gosta sem humilhar nem depreciar;
- Reconhecer e ampliar as “áreas de competência”;
- Estimular a flexibilidade e criatividade na busca de saídas para impasses e conflitos;
- Reconhecer os sentimentos ajudando a canalizá-los e expressá-los de modos não destrutivos;
- Ajudar a descarregar o estresse nocivo de modos saudáveis;
- Estimular a percepção da “mão dupla” na comunicação;
- Encorajar a iniciativa de mudanças favoráveis nos relacionamentos.

GRUPO DE MÚSICA ANTIGA DA UFF SONS DA IDADE MÉDIA

fla. e apanicetas em
man. e emendand
que ouve de seu fillo

Einstein não estava lá. Mas nem foi preciso. Para o público que assistiu, no dia 17 de setembro deste ano, à apresentação do coral do Colégio São Vicente seguido pelo Grupo de Música Antiga da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi uma verdadeira viagem no tempo. Mais especificamente, um voo de volta à Idade Média, com uma pequena escala na Renascença.

A noite começou com um grupo de mais ou menos 30 vozes, de jovens com idade entre 14 e 21 anos, apresentando algumas canções, religiosas e profanas, regidas por Patrícia Costa, professora de música do 1º ano do 2º grau. O coral — um dos quatro que existem na escola — foi criado para participar do *Concurso Nacional Funarte de canto coral* e apresentou obras barrocas e renascentistas.

E olha que isso foi só o começo. Em seguida, subiram ao palco seis músicos, vindos do outro lado da Baía de Guanabara, para transportar a comunidade vicentina até a Idade Média: era o Grupo de Música Antiga da UFF, apresentando canções medievais, todas cantadas a uma só voz.

Dos instrumentos, quase todos de origem medieval, produzidos a partir das iluminuras de Alfonso X (ver box), saíam histórias cantadas, de louvores à Santa e amores interrompidos pelas cruzadas. As canções profanas (cantigas de amigo), ainda raras na época, são, em sua maioria, de autoria de Martin Codax, um trovador



galego, que viveu no século XIII. Kristina Augustin, Leandro Mendes, Mario Orlando, Virgínia Van Der Linden e Sônia Leal Wegenast estão juntos há 16 anos; Peri Santoro se juntou ao grupo depois. Durante esse tempo, realizaram mais de 500 concertos e gravaram quatro discos — dois deles puderam ser comprados pela platéia, no final do evento.

Mas para os jovens músicos do coral, tudo aquilo era só um *trailer*. Naquela noite, apesar da beleza de duas apresentações impecáveis, o que ninguém sabia ainda era que, um mês depois, viria a grande notícia. Resultado de um sério trabalho de equipe, ficaram em primeiro lugar no concurso Funarte, junto com o "Coral Juvenil de Brasília". Na etapa final, que aconteceu no dia 10 de outubro, na UERJ, apenas seis coros disputavam o prêmio de R\$10 mil. Segundo o regulamento, deveriam ser apresentadas peças à capela — sem qualquer instrumento —, durante 12 minutos. E isso o coral do São Vicente tirou de letra. Basta ver o resultado. ■

O rei da música

Quem chama a Idade Média de Idade das Trevas certamente nunca ouviu falar em Alfonso X. Rei de Castela e de Leão — que depois viriam a formar a Espanha — entre 1252 e 1284, ele era mesmo um homem à frente de seu tempo. Entrou para a história como "O Sábio", porque foi o grande incentivador do movimento intelectual que se desenvolveu no seu país, ao longo do século XIII.

Alfonso X foi, dentre outras coisas, um grande mecenas da música. Mas sua contribuição cultural foi muito além: ele escreveu mais de 400 canções em homenagem à Virgem, contando seus milagres. São as chamadas *Cantigas de Santa Maria*, escritas em galego, que formam o grande tesouro da música medieval.



DORES DA MUDANÇA

“Os pais não podem abrir mão do papel de principais educadores de seus filhos e, para isso, é importante que melhorem a qualidade do pouco tempo que podem passar com eles”. Com essas palavras, a Dra. Maria de Fátima Goulart Coutinho abriu a palestra “As dores da adolescência”. O evento ocorreu no dia 22 de setembro e fez parte da programação da APM para comemorar os quarenta anos do Colégio.

O público era pequeno, mas atento. O assunto era de interesse de todos: como compreender as angústias que os adolescentes enfrentam na passagem da infância para a idade adulta e como lidar com elas, evitando maiores conflitos.

Para Maria de Fátima, do ambulatório de adolescentes da UFRJ, os pais devem entender que a crise de identidade inerente a essa faixa etária é muito dolorosa. Deixar de ser criança para virar adulto significa enfrentar muitas perdas simultaneamente. O jovem perde o papel e o corpo infantil, perde a bissexualidade, uma vez que é nessa época que se define o papel sexual que ele terá no futuro, e perde também os pais da infância, os pais que eram “perfeitos” e que ele tanto idolatrava.

Tudo isso, leva à “síndrome da adolescência normal” que, como o próprio nome diz, é um conjunto de sintomas e sinais que eles apresentam e que tendem a desaparecer com a entrada na idade adulta. Os pais, no entanto, devem se manter alertas para algumas

atitudes que podem significar problemas. Dentre as quais: isolamento constante e falta de amizades, abandono da escola ou repetência seguida, desleixo com a aparência, agressividade exagerada, distúrbios no sono ou na alimentação e masturbação excessiva.

Outra característica, muito enfatizada pela médica, é o sentimento de onipotência que os adolescentes têm e que faz com que eles se exponham a riscos diversos. Nessa hora, “é muito importante que os pais assumam sua posição de autoridade e imponham limites”, diz Maria de Fátima, que completa: “A orientação dos filhos não pode ser delegada à escola. E a disciplina é a melhor forma de os pais mostrarem amor”.

No debate, muita discussão sobre o uso da camisinha. Mesmo reconhecendo que é preciso resgatar outros valores além do sexo, a médica lembrou aos pais que, num mundo em que a questão sexual virou uma fixação, a camisinha é lei.

O uso de anabolizantes, que vem se alastrando entre os jovens e pode causar danos irreversíveis à saúde e, até mesmo, a morte, também apareceu como fator de preocupação dos pais.

Nos dois casos, o conselho de Maria



de Fátima foi para que os pais estimulem a auto-estima de seus filhos, pois somente o amor à vida pode reduzir os comportamentos de risco.

Ao final da palestra, uma conclusão — o convívio dos pais com os adolescentes pode ser extremamente doloroso para ambas as partes — e uma dica importante: o grande segredo para enfrentar a situação é ser sempre honesto com os filhos. ■

“A orientação dos filhos não pode ser delegada à escola e a disciplina é a melhor forma de os pais mostrarem amor.”

Ana Beatriz de Noronha
Cátia Guimarães

Síndrome da adolescência normal

- Busca de isolamento – o adolescente se isola dentro de casa mas vai em busca da turma, o que sempre preocupa os pais. O excesso de isolamento, em relação à família, ou em relação ao grupo, pode ser patológico
- Tendência grupal – etapa necessária à socialização
- Necessidade de fantasiar – os jovens acham que podem mudar o mundo
- Crises religiosas – podem levar ao ateísmo, ao fanatismo ou ao uso de drogas. Perigosa, na medida em que a religião é um fator de proteção nos comportamentos de risco
- Incapacidade de estabelecer padrões coerentes de tempo – nessa fase, o adolescente não deve administrar seu tempo sozinho
- Desenvolvimento da sexualidade (autoerotismo) – é importante que se descubram outras formas de ter prazer
- Atitude social reivindicativa, mesmo sem saber o que reivindica
- Condutas contraditórias – mudanças bruscas de humor
- Separação progressiva dos pais



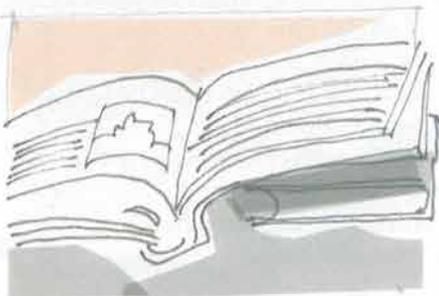
BIBLIOTECA

Agora que o Projeto de Renovação do conteúdo da Biblioteca, patrocinado pela APM, já cumpriu sua última etapa — os 700 livros selecionados pela equipe de Português, coordenada pela professora Cristina Góes já chegaram —, a biblioteca está organizando o espaço nas estantes e, em pouco tempo, os livros já estarão disponíveis para consulta e leitura. Com essa atualização do acervo, a biblioteca dos alunos dá continuidade à filosofia de estar cada vez mais interessante e próxima do dia-a-dia dos estudantes.

A APM continuará apoiando o Projeto Biblioteca, divulgando em breve a lista de obras adquiridas. Além disso, abrimos aqui um espaço para sugestão e discussão da importante e difícil questão de como criar estratégias (e quais) para aproximar nossos filhos dos livros, do hábito da leitura, desenvolvendo concentração e reflexão. Nossa preocupação se deve ao fato de, atualmente, os meios audio-visuais ganharem de longe em rapidez e facilidade de comunicação, mas, ao mesmo tempo, acostumarem as pessoas a um tipo de informação passiva.

Queremos acreditar que todos os meios são importantes e válidos, não podendo o livro, fonte de informação cultural e importante na formação do vocabulário e da língua portuguesa, ficar tão à margem dessa disputa como está hoje.

Convocamos os que têm algo a contribuir, que dêem sugestões através do e-mail apmcsvp@iname.com ou do telefone do colégio (ramal APM).



APM GANHA SALA

Como já foi dito nas reuniões de pais do último trimestre, a APM reconquistou um espaço dentro da escola. A sala, que fica atrás da Cantina do Alemão, junto da escada de incêndio, já está pronta para funcionamento e, no momento, a APM estuda uma forma de ter um atendente em horário a ser definido. A idéia é que, além de servir de sede e administração, a sala possa ser um ponto de recebimento de mensagens, solicitações e sugestões, facilitando a comunicação com os pais. Divulgaremos o esquema de funcionamento assim que ele estiver pronto.

II CONCURSO NACIONAL FUNARTE DE CANTO CORAL

INSCRIÇÕES
COORDENAÇÃO DE MÚSICA DA FUNARTE
Rua da Imprensa, 16 - 7º andar - sala 709
CEP 20.030-120, Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 297-6116 ramais 260 / 277 / 325
Prazo de inscrição: até o dia 12 de junho de 1999
(vale o carimbo do correio)

PRIMEIRO LUGAR!!!

A APM se orgulha de ter acreditado na potencialidade do Coral do Colégio São Vicente de Paulo, incentivando financeiramente a sua participação no Concurso Nacional de Corais da Funarte, que aconteceu em outubro passado. O coral do São Vicente fez a sua parte e conquistou o prêmio de primeiro lugar, emocionando a todos que compareceram à etapa final do concurso, no auditório Odylo Costa Filho, na UERJ.

Palmas para o nosso coral e muitos anos de vida. Parabéns à maestrina Patrícia Costa e à preparadora vocal Malu Cooper.

1. O Sifuni Mungu 5:49
2. Não Quero Dinheiro (Só Quero Amar) 2:27
3. Morro Dos Irmãos 2:42
4. Lua, Lua, Lua 2:12
5. Wade In The Water 1:35
6. Volte Para o Seu Lar 3:39
7. Alegria, Alegria 2:25
8. Misocôndria 2:15
9. Invocação a São Vicente 3:22
10. Declaração 3:43

TOTAL 30:28



PARA SEMPRE...

Nos dia 25 e 28 de junho, foi oficialmente lançado o CD dos Corais do São Vicente. A entrada para o evento era uma lata de leite em pó, recolhida a pedido do Comitê Graúna. O auditório estava lotado.

A festa homenageava o Pe. Almeida, cuja voz está para sempre registrada na "Invocação a São Vicente" (faixa 9).

VOCÊ SABIA?

Que um grupo de 13 amigos da turma 1ºD está há oito meses trabalhando no projeto de um filme média metragem? O filme é um paródia no melhor estilo "serial killer" americano, recheado de referências e críticas bem humoradas. Tudo está sendo desenvolvido pelos próprios alunos.

A fase atual é a de busca de patrocínio junto às empresas, para que possam rodar em dezembro. Vários pais já se mobilizaram colaborando com transporte, ilha de edição etc.

Contatos com Maíra (turma 1ºD/Grêmio)



MAIS UM RECREIO NO SÃO VIÇA

por Rafael Motta

Esta festa dos Ex-alunos certamente entrará para a história do São Vicente! Em seus 40 anos, o Colégio jamais havia visto tanta gente reunida para celebrar sua tradição de transformação.

Há quem diga que a comemoração do aniversário era apenas um pretexto para fazer uma grande festa, na qual os ex-alunos pudessem reencontrar os velhos amigos. Velhos não, antigos amigos. Mas não era só isso. É claro que todos queriam rever os antigos amigos, amores e desafetos, mas nem por isso podemos dizer que a festa tenha sido apenas de reencontros. Melhor que rever os amigos era lembrar os anos inesquecíveis em que estivemos no São Vicente. Ou seja, a festa não era mesmo nossa, era do São Viça. Aliás, não era uma festa, era um grande recreio.

O clima era de total alegria! Não havia melhor forma de comemorar os 40 anos, senão reunindo ex-alunos de todas as gerações. E realmente estavam todos lá, ex-alunos que deixaram o São Vicente ainda ontem e outros que, digamos... saíram anteontem. Por alguns momentos, esquecemos da saudade e trouxemos de volta ao presente recordações que pareciam esquecidas na memória.

Reunir tanta gente assim parecia impossível. Contávamos apenas com um pequeno grupo de ex-alunos que, com a ajuda do Colégio e da APM, conseguiu enviar centenas de cartas e espalhou a notícia por todo o Rio de Janeiro. O resultado não poderia ser melhor: quase mil pessoas encheram a Quinta do Bosque de alegria.

Este foi o primeiro evento promovido pela recém reorganizada Associação de Ex-alunos. Foi a primeira de muitas festas que estão por vir. Motivos para festejar não faltam, pois todos querem sempre mostrar o carinho que têm pelo São Vicente. Espero que a AEXA possa contar com esse mesmo entusiasmo e participação em nossos próximos projetos. ■



Que venha o reencontro

Eu me lembro que desde quando estudava no Colégio, diversos professores e diretores comentavam que o aluno do São Vicente se destacava dentre os demais. Quando entrei na faculdade, percebi que nós estávamos sempre dispostos a opinar e participar de atividades e discussões. Mas, fora isso, reparei que tínhamos um outro diferencial. Quem estudou no São Vicente, seja por um, dois ou até onze anos, guarda um sentimento de carinho e saudade. Poucas pessoas têm recordações do tempo de colégio tão positivas quanto as nossas, que acabam por fazer surgir, dentro de cada um, um orgulho de ter estudado lá. Durante nossa infância e adolescência, passamos momentos incríveis naquele Colégio e selamos amizades que atravessam qualquer barreira do tempo ou espaço. As memórias são muitas e, com a distância, a saudade só faz aumentar.

Motivados exatamente por esse sentimento, resolvemos realizar o evento. A desculpa era comemorar o aniversário do colégio, mas no fundo, o grande desejo era rever os antigos amigos e os professores. Por isso a festa foi um sucesso. Não havia como não ser. O melhor de tudo era o astral das pessoas. A felicidade estava estampada no rosto de todos os ex-alunos. Dentre os olhares alegres, emocionados e até perplexos de alguns, um comentário era unânime: estamos em um grande recreio.

A festa só teve um grande problema: foi curta. Além dos elogios que recebemos, um pedido era constante: o de realizar o reencontro uma vez por ano. Por enquanto, é difícil dizer. Mas quem sabe esse evento se torne uma tradição dentro da Comunidade Vicentina? Apelo? não faltam.

Não posso terminar sem antes agradecer à Associação de Pais e Mestres, ao Padre Maurício, Padre Lauro e Artur pelo apoio que nos deram para realizar nosso reencontro. Um dia tem mais.

Joana Monteiro

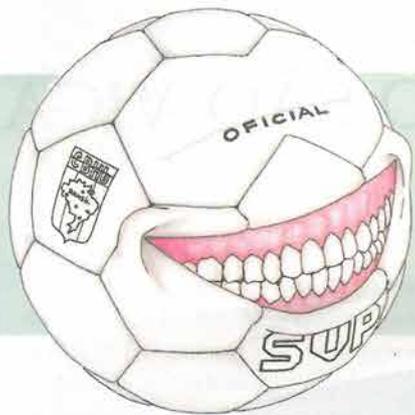
OLIMP

Muito entusiasmo e participação

A Olimpíada Vicentina é uma competição rica, pois dela participam quase todos os alunos do Colégio. Sua abertura foi realizada no dia 24 de agosto e o jogo de encerramento, no dia 6 de outubro. Como nos anos anteriores, o entusiasmo e a participação foram a tônica deste período. Antes mesmo de seu início, as turmas já estavam mobilizadas com os treinamentos, a formação das equipes e a busca de patrocínio. É gratificante ver a garotada se organizando, discutindo, ponderando em busca de um consenso, enfim, crescendo como pessoas e como cidadãos. As atividades competitivas trabalham com as emoções humanas promovendo oportunidades únicas de prazer e decepção. Durante os jogos, surgem discussões que envolvem valores éticos, capacidade de julgamento, entre outros. O respeito às regras torna-se primordial para a inclusão dos valores positivos, favorecendo muito a formação do caráter dos educandos.

Para todos os que se entristeceram com eventuais derrotas, vale lembrar: “Perder é encontrar-se no ponto onde tudo começa novamente” (Carlos Drummond de Andrade).■

Prof. Paulo
Coordenador de Educação Física



“Perder é encontrar-se onde tudo começa novamente”
Carlos Drummond de Andrade



ÍADAS 99 SVP

1ª à 4ª séries

- Iniciada no dia 24 de agosto com a abertura oficial da Olimpíada. Foram realizados 24 jogos de futebol, 24 jogos de queimado, 8 corridas de revezamento e 8 competições de bola ao cesto.

Série.	Classific.	Futebol	Queim.	Revez. masc.	Revez. fem.	Bola ao Cesto/masc.	Bola ao Cesto/fem.
1ª	campeão	Branca	Azul	Branca	Branca	Erick – Br.	Tais Azevedo – Az.
	vice	Verde	Branca	Azul	Amarela	Cayo – Az.	Maria Luiza – Br.
2ª	campeão	Amarela	Branca	Verde	Branca	Lucas Rodrigues – Br.	Juliana Perdigão – Br.
	vice	Branca	Amarela	Amarela	Amarela	Maurício Nascimento – Am. Igor Cals – Az.	Daniela Avelar – Az.
3ª	campeão	Branca	Verm.	Amarela	Branca	Felipe Pinho – Am.	Rafaella Leão – Verm.
	vice	Azul	Cinza	Azul	Verm.	Daniel Borges – Verm.	Não houve vice-campeã
4ª	campeão	Amarela	Azul	Amarela	Azul	Gustavo de Oliveira – Verm.	Julia França – Verd.
	vice	Verde	Cinza	Cinza	Amarela	Bruno Martins – Am. Gustavo Massena – Verd.	Beatriz Abreu – Cinz. Luiza Vainfas – Cinz.

5ª à 8ª séries

- Iniciada em 8 de setembro com o desfile das equipes campeãs do ano de 1998. Foram realizados 26 jogos de futebol, 24 de voleibol, 26 de basquetebol e 26 competições de handebol.

Série	Classific.	Basquete..		Vôlei		Handebol		Futebol	
		masc	fem	masc	fem	masc	fem	masc	fem
5ª	campeão	54	52	54	55	53	51	52	54
	vice	51	51	53	51	51	54	54	51
6ª	campeão	62	64	64	61	64	61	61	61
	vice	61	63	63	62	63	62	64	63
7ª	campeão	71	72	71	71	71	72	73	72
	vice	73	71	73	73	73	71	72	71
8ª	campeão	81	82	83	84	83	82	81	84
	vice	84	84	81	82	81	83	83	82

Classificação Geral

Série	Campeã	Vice-campeã
5ª	T. 54 c/42 pts.	T. 51 c/ 40 pts.
6ª	T. 61 c/46 pts.	T. 64 c/36 pts.
7ª	T. 71 c/58 pts.	T. 72 c/36 pts.
8ª	Todas as turmas terminaram empatadas c/32 pontos	

Ensino médio

- Iniciada no dia 29 de setembro. Foram realizados 16 jogos de futsal, 11 de voleibol, 13 de basquetebol e 15 de handebol.

Modalidade	Campeã	Vice-campeã
Basquete masculino	turma 3º B	turma 2º B
Basquete feminino	turma 2º B	turma 3º C
Vôlei masculino	turma 3º C	turma 2º B
Vôlei feminino	turma 2º B	turma 2º C
Handebol masculino	turma 2º B	turma 3º B
Handebol feminino	turma 2º B	turma 2º A
Futebol masculino	turma 1º B	turma 2º A
Futebol feminino	turma 2º B	turma 2º A

Classificação geral

Campeã	turma 2º B com 62 pontos
Vice-campeã	turma 2º A com 18 pontos
3º lugar	turmas 3º B e 3º C com 16 pontos
5º lugar	turma 1º B com 10 pontos
6º lugar	turma 2º C com 6 pontos



Diversos pais perguntam:

Por que o São Vicente não tem turmas de todas as séries nos dois turnos?

Existe um impedimento de ordem material: a limitação física da Escola não permite que ampliemos o número de turmas de modo a viabilizar essa alternativa.

O Colégio São Vicente, por outro lado, não se dispõe a ser um colégio de maior porte porque isto dificultaria a realização de nossa proposta pedagógica.

Dentro das dimensões que temos hoje, dividir quatro ou três turmas das diversas séries em dois turnos acarretaria funcionarmos com dois mini-grupos, duplicando todas as atividades oferecidas, para cada série, em dois momentos, exigindo uma infraestrutura de que não dispomos e que oneraria bastante os custos administrativos.

Existe outro complicador de ordem administrativa: como selecionar os que estudariam pela manhã e os que estudariam à tarde? Por ordem de chegada? Continuaríamos ainda desatendendo a muitos.

E podemos colocar mais uma questão pedagógica: a fragmentação do grupo de professores, dificultando o trabalho de equipe e possibilitando a formação de dois colégios distintos.

Nina Maria da Cunha
Coordenadora Acadêmica

Ao querido e inesquecível Colégio São Vicente de Paulo,

Hoje, ao vir buscar a documentação de transferência e histórico escolar de meu filho Cristiano, sinto meu coração sensível, meus olhos marejados de lágrimas, um aperto na minha alma. Não é exagero. Casa esta que acolheu meu menino aos sete aninhos de idade, até agora, período de 1991 a 1999, foram oito anos e seis meses. Quantas experiências boas e ensinamentos ele aí recebeu.

Não posso me esquecer quando o saudoso Padre Almeida me procurou preocupado quando, com 15 dias de São Vicente, meu marido faleceu repentinamente, deixando aquele aluninho de vocês, meu filho, órfão. Que choque. Padre Almeida quis saber sobre minha situação, insinuando uma ajuda caso não pudesse mantê-lo aí. Com a graça de Deus, não foi preciso incomodá-lo, mas, do contrário, o faria. Com 15 dias somente, e no meio de tantos alunos, como foi atencioso, esta gratidão carrego para sempre.

Lembro-me da Lúcia Maria, a primeira professora, a Glorinha, primeira orientadora que teve. Não posso deixar de falar na Marlene, na Wilka, na Cordélia. Pessoas fantásticas, assim como a Heloísa, quanto diálogo comigo, quanta atenção. Meu filho não esquece de professores como Flávia, Edson, Drago, José Carlos. Olha, estou escrevendo e devo estar, com certeza, cometendo a involuntária injustiça de esquecer alguns nomes. Ah! O Maurício que, de monstro, virou amigo; a Mônica etc.

Que gratidão ao também saudoso Padre Domingos, que durante 1995, quando Cristiano operou o joelho, ofereceu seu carro com o motorista para ajudar-nos. Solange e Wilka foram mães mais uma vez nessa fase do meu filho. Que inspetores, o Gil, a Leila, e os de agora, os mais recentes, dos quais os nomes me fugiram e peço desculpas. Meu Deus, que gratidão a todos. (Ah! São Luis e Gerson).

Quanto aos colegas, assunto mais pessoal e íntimo do Cristiano, sei que tem uma lista guardada "do lado esquerdo do peito".

Enfim, tivemos que optar muito cedo, ou na hora certa por tal decisão. Cristiano é um técnico por excelência, e das ciências exatas, sentindo enorme necessidade de praticá-las o mais cedo possível, o que o motivará para estudar as outras matérias.

Eis a razão pela qual está sendo encaminhado, e desejando conscientemente sê-lo, para uma Escola Técnica.

Infelizmente não se despediu de ninguém. Desculpem-no. Falou-me que se envergonharia ao chorar, e chorará. Pois chorou em casa. Mas sua decisão foi importante. Ele cresceu, amadureceu e sente-se motivado. Estou ficando mais tranquila e feliz.

Nosso consolo e alegria é a certeza de que meu filho nunca deixará de ser um ex-aluno, com muita honra, e que a qualquer momento esta casa continua sendo dele também, abrindo suas portas com amor e sinceridade. Sei que, quando sentir-se encorajado, voltará para rever todos.

À diretoria, ao corpo Docente e a todos os funcionários, sem distinção, o meu eterno agradecimento e saudade.

Um grande abraço.

Euga Grimaldi
(mãe de Cristiano Grimaldi)

MORTOS QUE ANDAM

*Meu Deus, os mortos que andam!
Que nos seguem os passos
E não falam.
Aparecem no bar, no teatro, na biblioteca.
Não nos fitam,
Não nos interrogam,
Não nos cobram nada.
Acompanham, fiscalizam
Nosso caminho e jeito de caminhar,
Nossa incômoda sensação de estar vivos
E sentir que nos seguem, nos cercam,
Imprescritíveis. E não falam.*

Carlos Drummond de Andrade

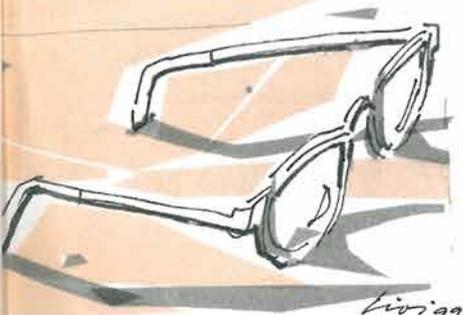
Nosso querido Padre Almeida não mais nos falará. Mas, como agora não terá que dar conta daquela agenda repleta de missas, casamentos, batizados, visitas e inúmeros compromissos proporcionais à sua generosidade, ele poderá estar mais nos lugares que sempre esteve. De manhã, certamente dará uma volta pelo pátio do colégio; ou pode ser que opte pela hora do recreio, para dar uma mãozinha ao sobrecarregado São Vicente, garantindo que o mais grave ainda seja apenas um dedo quebrado, um galo na cabeça, um gesso no pé, essas coisas que menino tira de letra...

Ele também continuará aparecendo nos Conselhos Pedagógicos, nas reuniões da APM, na sala das Voluntárias da Caridade e em todos os cantos do colégio. Já com mais tempo, seguirá os passos de seus companheiros da Província e acompanhará os Padres idosos, tarefa que realizava com muita dedicação. Minas não o verá só em ocasiões especiais: com frequência visitará suas irmãs, parentes e amigos, com direito a umas voltas lá pelos lados do Caraça. Ele nos cercará a todos protetoramente e sua companhia silenciosa, sem dúvida, nos trará boas inspirações.

Além da minerice, possuía uma certa timidez e pouco falava. Quando era inevitável, depois de muito ouvir, pedia: "Gostaria de dar uma palavra". Ou então interrompia: "Um minuto aqui, minha gente!" Como todos tínhamos orgulho de nos sentirmos "sua gente", ouvíamos com respeitoso silêncio. Não um silêncio garantido pela autoridade do cargo ou da idade, mas um silêncio conquistado pela doçura, pela ponderação, pela justiça e pelo amor.

Padre Almeida não mais nos falará. Mas caso ele pudesse e nos visse chorosos, apreensivos, inconformados ou perplexos com a peça que nos pregou, provavelmente diria: "Coragem, minha gente!". Tudo bem, Padre Almeida, nós temos sua voz gravada no coração. O poeta nos garante que o senhor não cobrará nada, mas independente disso, a gente pode tentar.

Patricia Mendes Rubim



Livi'99



